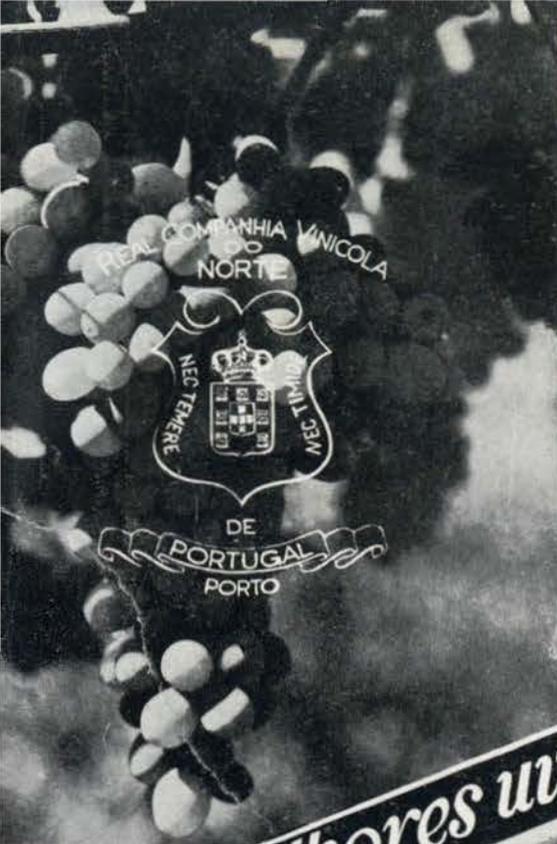
NUMERO 18 ★ ANO 3.º ★ 1943

TRÍPTICO DE PAULO FERREIRA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

NÚMERO DO NATAL E ANO NOVO

ROLEX OYSTER
ROLEX
O relógio de pulso de corda automática

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE
NEC TEMERE NEC TIMIDE
DE PORTUGAL
PORTO
As melhores uvas do DOURO garantem...
A ALTA QUALIDADE
DOS VINHOS QUE A
Real Vinicola
EMBARCA PARA TODO O MUNDO
SEDE EM GAIA: TELEFONE 3478
FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117 / TELEFONE 2 2559
DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES / TELEFONE 440
SECO

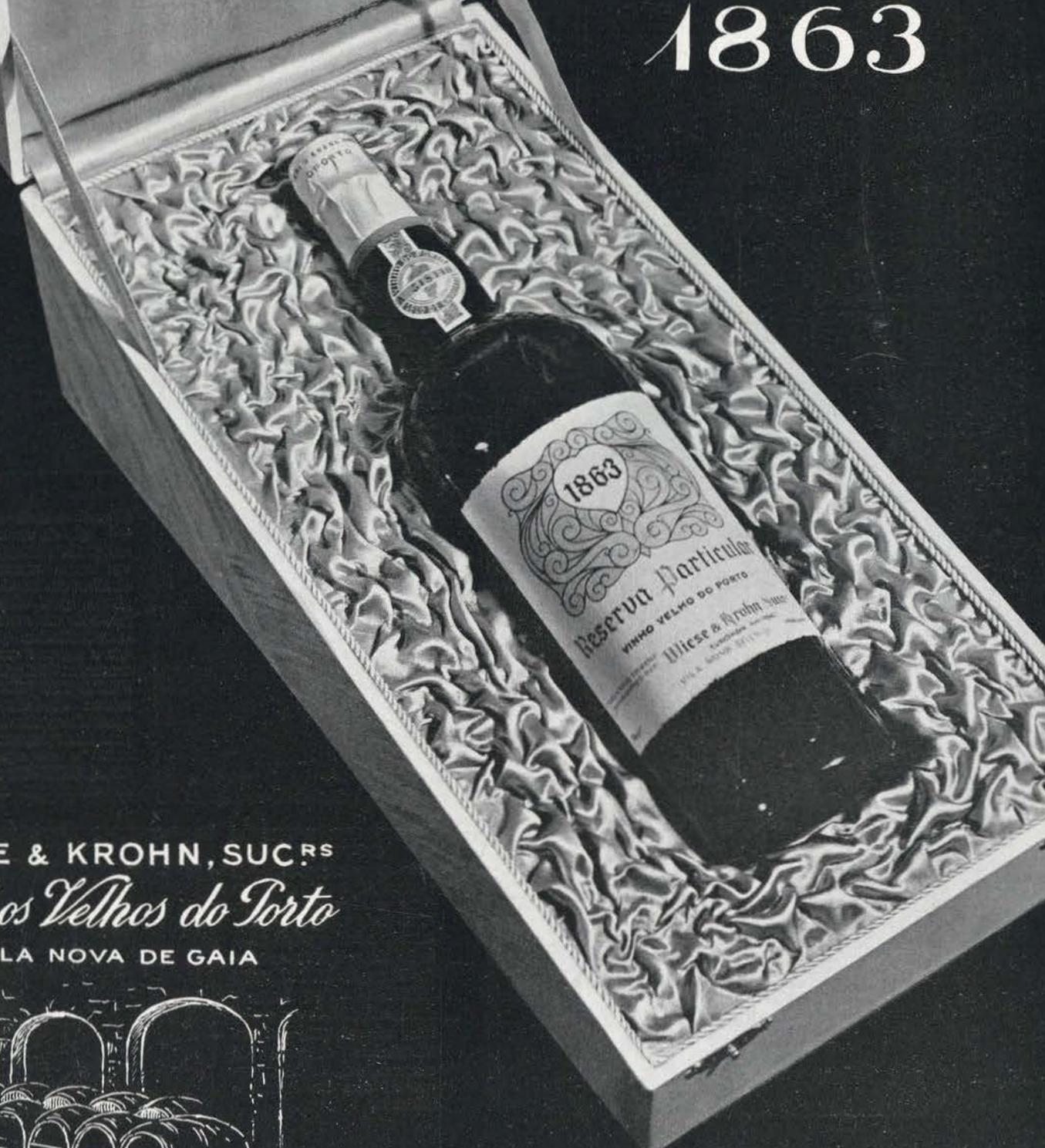
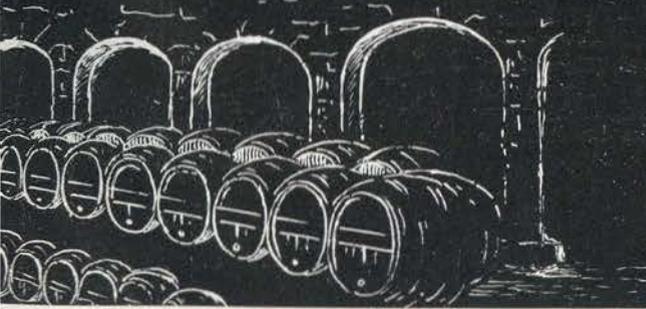
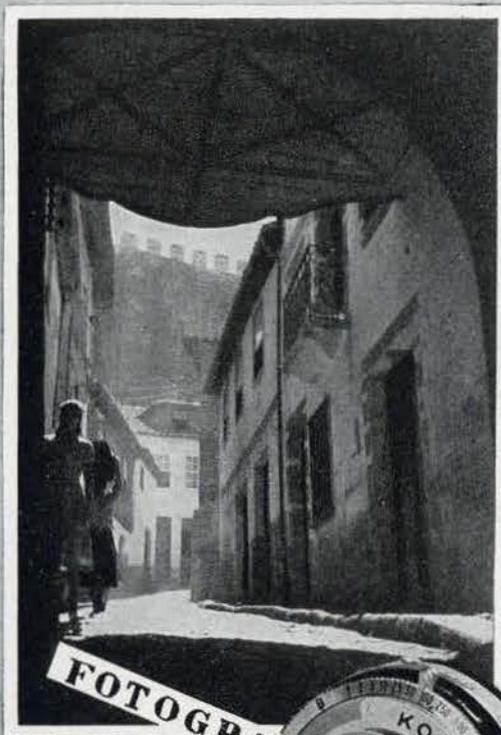
Não precisa de meter-se numa redoma para se defender dos ataques do tempo

L.T. PIVER

põe à vossa disposição

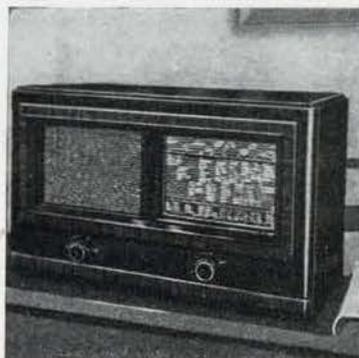
MASCARADE
REVE D'OR
FLORAMYE
MATITÉ
LAVANDE
POMPEÏA
FETICHE
UN PARFUM D'AVENTURE

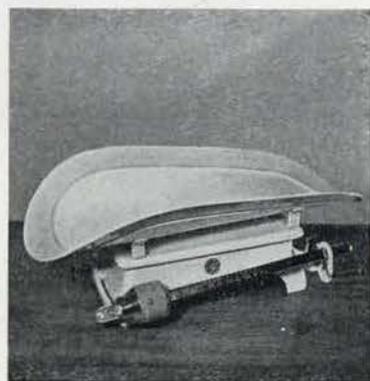
Que conservam a juventude, realçam a beleza e dão uma nota de distinção a quem os usa

À VENDA EM TÔDA A PARTE

APARELHOS
PAPEIS
CHAPAS
PELICULAS

Kodak

KODAK LIMITED
RUA GARRETT 33 LISBOA

Aqui se aconselha...

EIS um receptor que é uma fonte de alegria e distração. É o ORION 244, tão apreciado pelas pessoas de bom gôsto e bom ouvido. Recebe fàcilmente, nas ondas de 13 a 1.950 m., a música e as notícias de todo o mundo. O novo regulador automático de volume compensa perfeitamente as variações de intensidade da onda. O regulador de tonalidade permite escolher o som mais agradável. Representantes: RADIÓFILA, R. Nova do Almada, 80, 2.º, Lisboa.

O INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA, modelar organização de produtos medicinais, não dedica a sua actividade ùnicamente à preparação de especialidades farmacêuticas. Possui também uma secção onde se fabrica cuidadosamente diverso MATERIAL CIRÚRGICO E SANITÁRIO. A foto mostra um modêlo de balança para a pesagem de crianças, fabricado naquelas oficinas.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

MAIS LUZ E MENOS CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

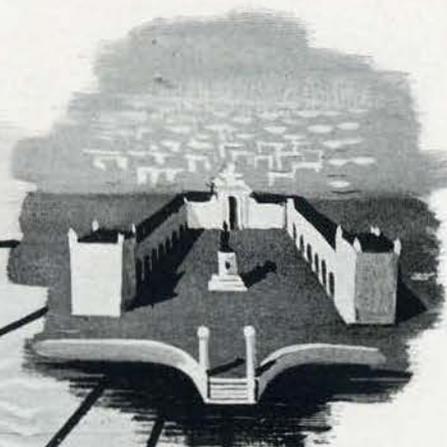
que leia, veja e compre

E. E. DE SOUSA & SILVA, LDA., na Rua do Ouro, 157-159, em Lisboa, é sem dúvida uma das melhores oficinas de GRAVADOR. É conhecida a perfeição da enorme variedade de objectos que lá se fabricam ou se vendem. São êles: chapas esmaltadas, carimbos em todos os géneros, sêlos em branco, etiquetas, alicates para selar a chumbo, sinetes, anéis com gravuras, brazões, monogramas, datadores, numeradores e artigos para escritório e de novidades.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

ESTA fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

CHEGADO o Natal, é sempre preocupação a escôlha de um brinde a oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247 em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que log encontra o que deseja, a preços acessíveis.

COSTA ORIENTAL
Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos a baldeação em Luanda e Lourenço Márques
COSTA OCIDENTAL
Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.
GUINÉ
Saídas mensais regulares, com escala por: S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.
BRASIL
AMÉRICA DO NORTE

Aqui se aconselha...

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

TANTO a capa para livros, como a arca-miniatura que a gravura mostra, são trabalhos primorosos, em carneira gravada, efectuados nas oficinas da PAPELARIA E LIVRARIA FERNANDES. Êstes e outros trabalhos, como albuns, pastas, caixas para cartas de jogar, etc., que as mesmas oficinas executam, constituem valiosos BRINDES DE NATAL. Vá à Papelaria e Livraria Fernandes, na Praça do Brasil, 13 e na Rua do Ouro, 149, em Lisboa.

MERECE sempre especial cuidado a compra de um objecto de valor para uso próprio ou para presentear. Entre na OURIVESARIA, JOALHARIA E RELOJOARIA DE SANTOS CATITA, LDA., na Rua Eugénio dos Santos, 44, em Lisboa, e aí encontrará, sem dúvida, por preços sem competência, o que pretender adquirir dentre objectos de ouro e prata, jóias com pedras finas e relógios das melhores marcas em ouro, prata e aço.

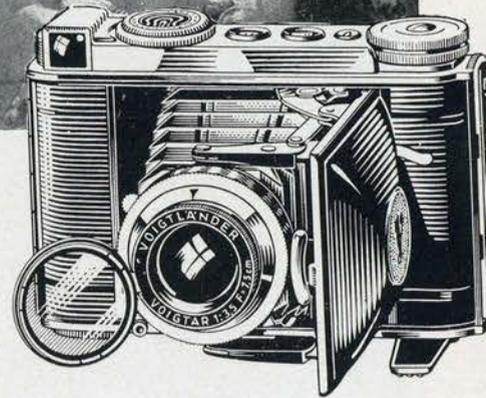
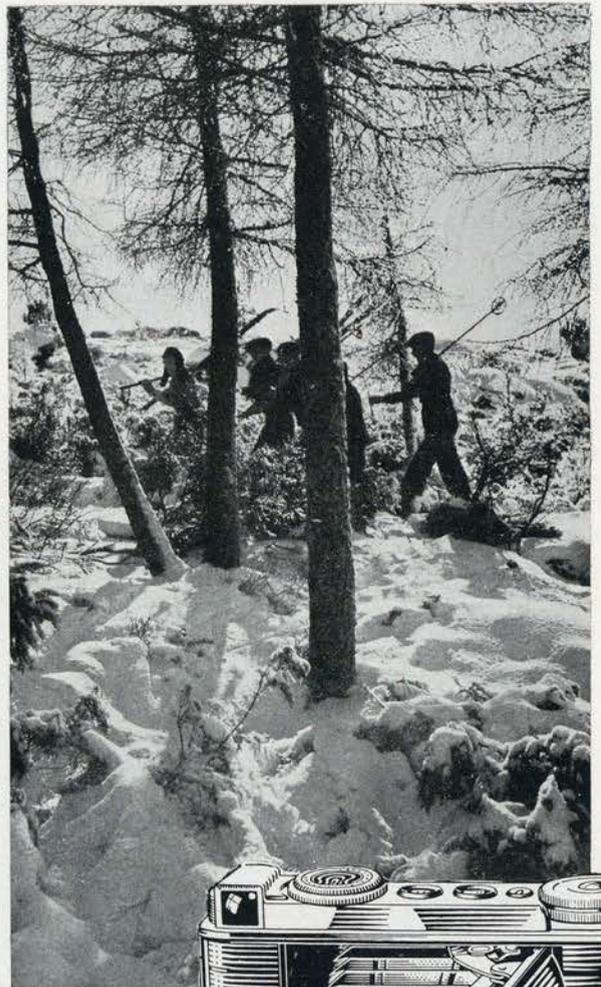
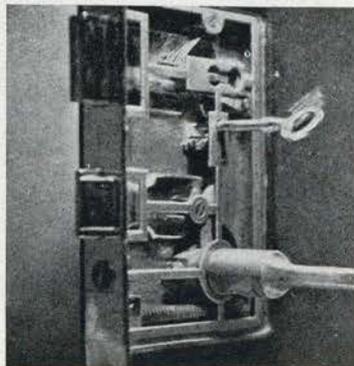
«PARA TI, DA TIA NÉNÉ», é a colecção de livros, para raparigas e rapazes dos 10 aos 15 anos, da autoria da notável poetisa e romancista D. Maria de Figueiredo. Estão já editados quatro volumes: — dois para raparigas, intitulados «Verdadeira amiga» e «Eu já sou uma senhora», e dois para rapazes, êstes denominados «Roubo misterioso» e «Uma aventura do Clipper». Edição da PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA, na Rua Augusta, 52, Lisboa.

que leia, veja e compre

MONTBLANC é a marca da caneta de tinta permanente e da lapiseira que a foto mostra num interessante estojo próprio. Como MONTBLANC, pela sua superior qualidade, é uma marca bastante apreciada, representa por isso um fino e delicado brinde, imensamente valorizado pela sua incontestável utilidade. Peça nas casas da especialidade que lhe mostrem as canetas de tinta permanente e as lapiseiras MONTBLANC.

DESEJA decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente moderno? Procura reclamar e apresentar com bom gôsto os produtos do seu comércio ou indústria? Aconselhe-se no ESTÚDIO DE ARTE «STOP», na Rua Nova da Trindade, 6-A, telef. 28498, Lisboa, que lhe indicará quadros modernos, objectos de arte em cobre, ferro forjado, madeira, etc., que lhe dará desenhos de rótulos, embalagens, montras, cartazes, e cuidará de litografias e da publicidade.

NÃO lhe parece interessante fixar em imagens os momentos agradáveis que lhe proporcionará a Festa da Família, que vai comemorar, pelo Natal e Ano Novo? Na INSTANTA — a moderna casa de artigos fotográficos, na Rua Nova do Almada, 55-57, Lisboa — encontrará aparelhos para fotografia e cinema, das melhores marcas e para diversos preços. Nos seus laboratórios executam-se, com a possível brevidade e perfeição, todos os trabalhos de fotografia.

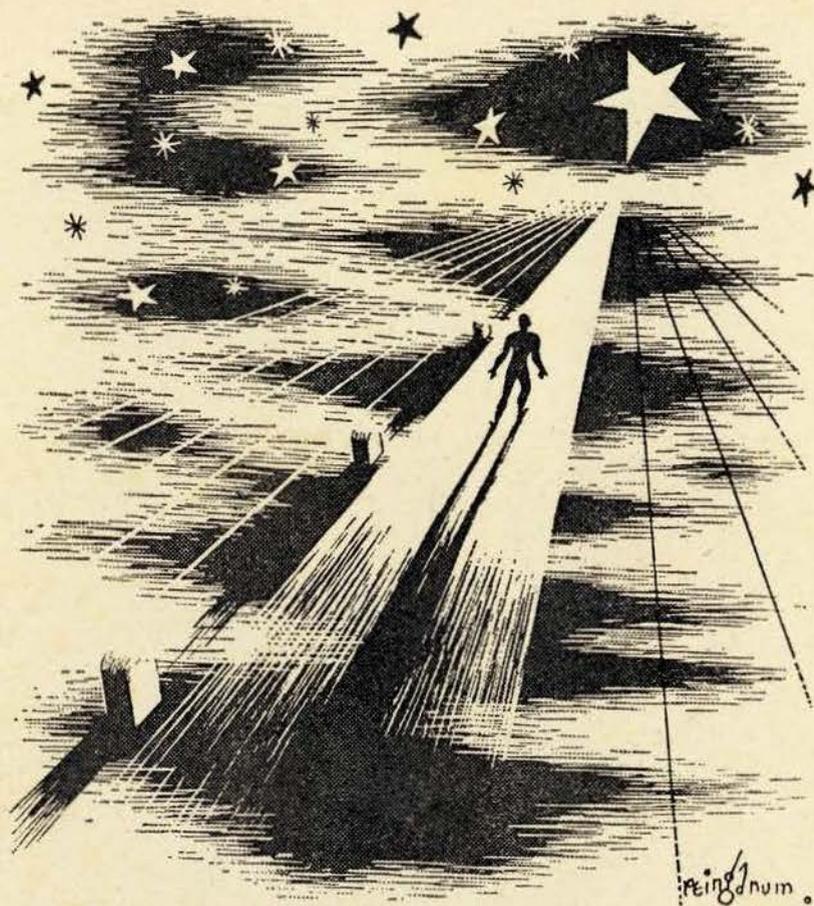
TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

CADA FOTOGRAFIA MELHOR QUE A ANTERIOR

UM APARELHO TÈCNICAMENTE PERFEITO. EQUIPADO COM OBTURADOR "COMPUR", DISPARADOR RÁPIDO, FILTRO E OBJECTIVA ANASTIGMATICA VOIGTLÄNDER

BESSA BÉBÉ

C. R. MIRANDA
CALVES - BEIRIZ
PÓVOA DO VARZIM

OS TAPETES DO HOTEL AVIZ, EM LISBOA, FORAM FORNECIDOS PELA

FÁBRICA DE TAPETES DE BEIRIZ, DE C. R. MIRANDA ✣ CALVES-BEIRIZ ✣ PÓVOA DO VARZIM

PROGRESSO

A electricidade, ao serviço da Indústria, impulsionou-a de forma decisiva, dando ocasião ao seu largo desenvolvimento. A PHILIPS, havendo produzido há mais de cincoenta anos a primeira lâmpada eléctrica, deu início a uma poderosa organização, abrangendo os mais diversos ramos de actividade industrial no vasto campo da electricidade. A contribuïção da PHILIPS para o progresso das indústrias eléctricas é inteira garantia de ainda maiores empreendimentos futuros de seguro êxito.

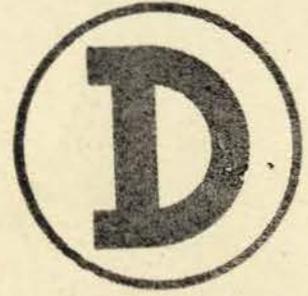
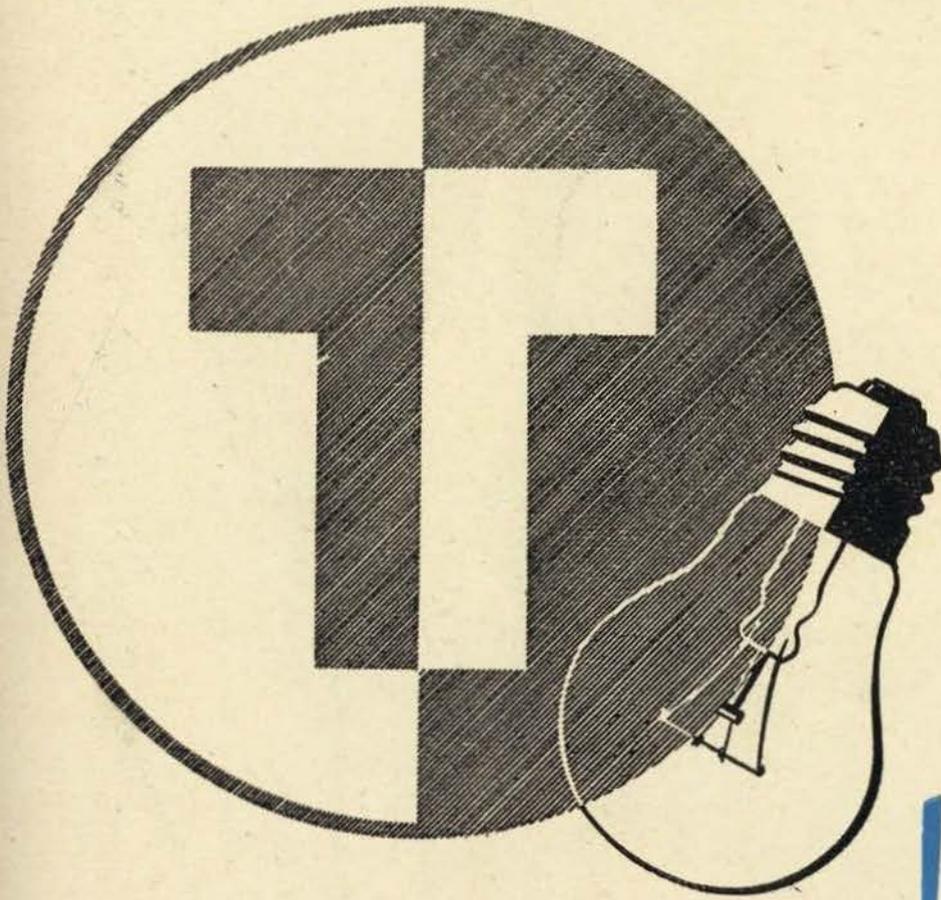
PHILIPS

LÂMPADAS DE ILUMINAÇÃO NORMAIS E ESPECIAIS — LÂMPADAS DE SÓDIO E MERCÚRIO — LÂMPADAS FLUORESCENTES — RECEPTORES E EMISSORES DE T. S. F., VÁLVULAS DE EMISSÃO E RECEPÇÃO — INSTALAÇÕES AMPLIFICADORAS DE SOM-CINE SONORO — RAIOS X (APARELHAGEM CLÍNICA E INDUSTRIAL) — SOLDADURA ELÉCTRICA: RECTIFICADORES E ELECTRODOS — RECTIFICADORES PARA CARGA DE BATERIAS — FILTROS MAGNÉTICOS PARA ÓLEOS

FÓSFOROS "AZUIS"

ACENDEM EM QUALQUER PARTE • ACENDEM SEMPRE • DÃO BOA LUZ

SOCIEDADE NACIONAL DE FÓSFOROS

TUNGSRAM

Por mais cuidadosos que sejam os estudos de prospecção mineira do petróleo e por melhor que seja a aparelhagem e mão-de-obra empregada, há sempre que contar com o factor sorte, pois acontece muitas vezes enterrarem-se centenas e centenas de contos numa exploração sem que dela se tire uma gota do precioso líquido.

Nos últimos três anos antes da Guerra, a Socony-Vacuum abriu em média 870 poços por ano, quasi todos produtivos.

E, de facto, só desta forma é possível manter em laboração as numerosas refinarias da Socony-Vacuum, onde se fabricam os seus apreciados produtos, que escasseiam agora em virtude da Guerra, mas que V. Ex.ª obterá logo que as circunstâncias o permitam.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

MC

1975

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º-TEL. 2 9311-LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

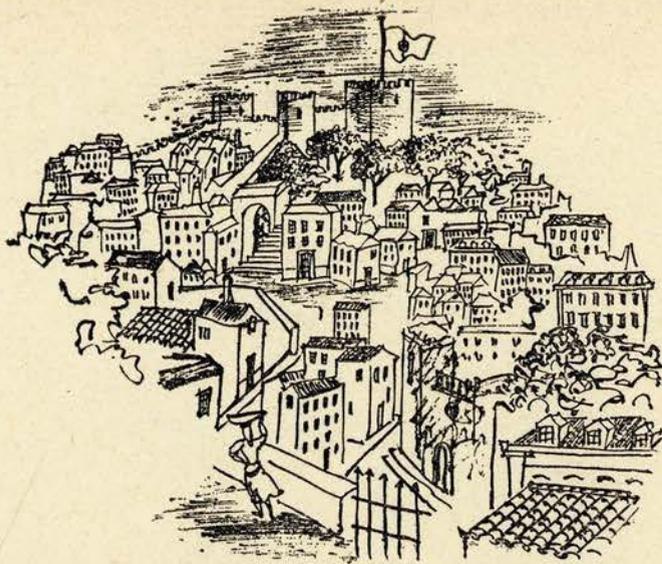
EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 18 ★ DEZEMBRO, 1943 ★ VOLUME 3.º

CAPA: TRIPTICO DE PAULO FERREIRA — DESENHOS DE: ALMADA NEGREIROS, BERNARDO MARQUES, F. CALDEIRA CABRAL, MARTINS CORREIA E PAULO FERREIRA — FOTOGRAFIAS DE: ALVÃO, F. CALDEIRA CABRAL, FRANCISCO SANCHES, FRANCISCO VIANA, HORÁCIO NOVAES, J. M. COUTINHO, MÁRIO NOVAES E TOM.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa: Bertrand, Irmãos L.da — Fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, L.da — Rotogravuras: Neogravura, L.da — Gravuras: Bertrand, Irmãos, L.da e Fotogravura Nacional, L.da — Composição e Impressão: Tipografia E. N. P.

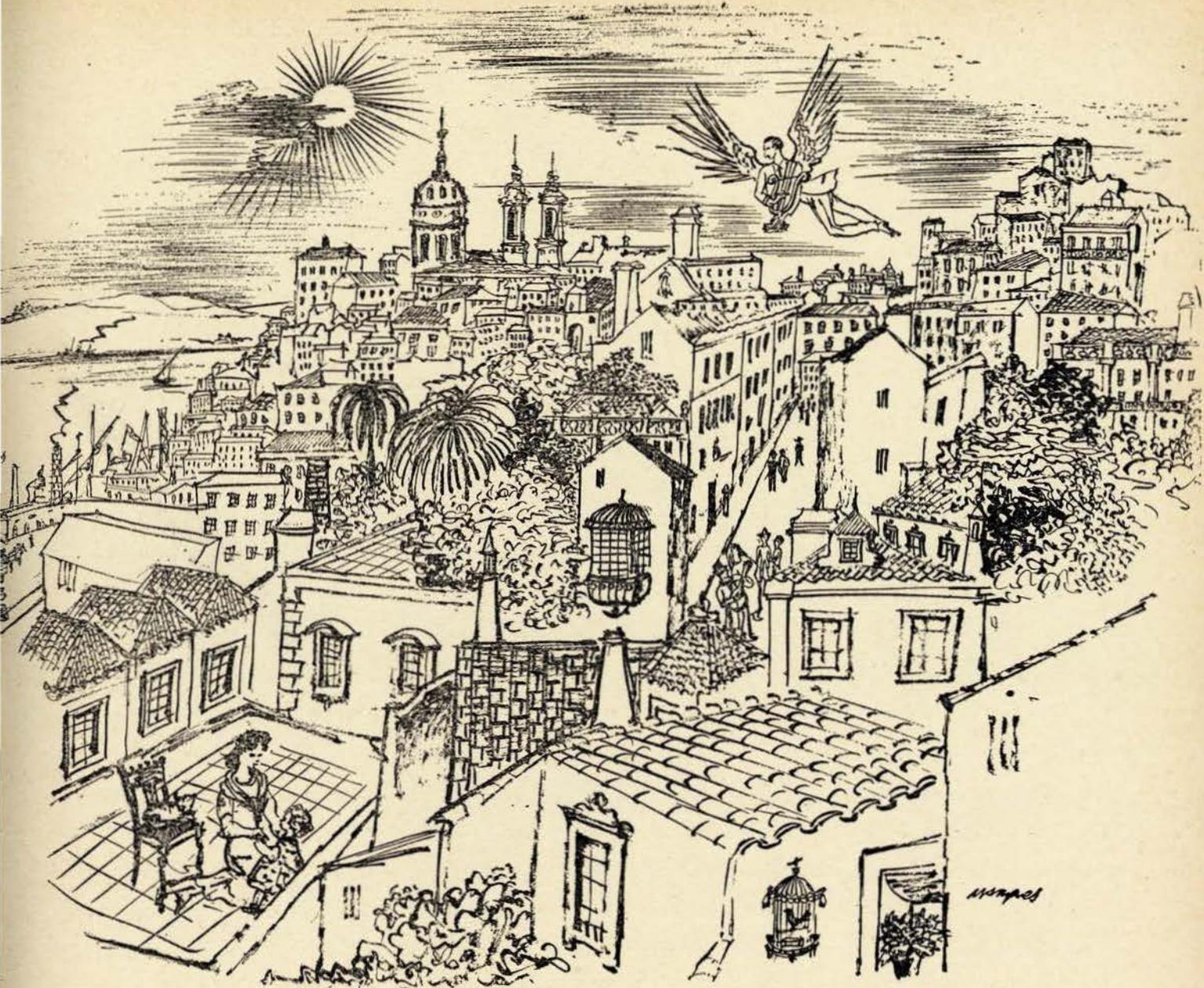
PREÇO: 7$50

Sete colinas . . .
Sete pecados

Por OLAVO D'EÇA LEAL

O meu «panorama» também é bonito. Moro na parte de cima da Rua do Arco, a São Mamede, mesmo encostado a São Mamede, uma das sete colinas de Lisboa. Vivo num quarto andar virado ao Tejo, abrigado dos ventos maus, e cheio de sol; prédio moderno, com terraço que só a mim pertence, pois não tem serventia de escada para os outros inquilinos. Quando subo ao último piso convenço-me de que não me seria impossível voar, se abrisse, audaciosamente, as asas que não tenho. Um dêstes dias talvez haja um desastre na Rua do Arco; talvez eu creia firmemente na existência real das minhas asas imaginadas e me deixe cair, lá de cima, e morra, a trôco de um breve instante de sonho. Sei de outras pessoas que têm dado a vida por menos. ¿Quem sabe se Garrett viria em meu socorro, emprestar-me as «asas brancas, asas que um anjo lhe deu»? Tão próximo do Natal, não ficava muito admirado com o milagre. No primeiro vôo largo iria pousar no Zimbório da Estrêla, mandado riscar pela Senhora Dona Maria I, descanso merecido para tão inédito esfôrço. Dali, depois de hesitar em repetir a proeza, — não fôsse um falcão sair-me ao caminho, picado pelo desafio, — chegava, num golpe de asa, às alturas íngremes do Castelo de São Jorge, onde os meus olhos semi-cerrados tentariam reconstituir a tomada de Lisboa, com a gente de Afonso Henriques a trepar a encosta, gritando desalmadamente e fazendo escandaloso chinfrim de ferragem para assustar a moirama.

Cidade fácil de sobrevoar, rica de poleiros para aves, como eu, exigentes de confôrto e de pontos de vista!

O meu turismo é a minha varanda, voltada ao Tejo. Afinal não tenho asas nem creio na eficácia física das do anjo de Garrett, mas é tal qual como se as tivesse prêsas aos ombros, se me resignar a deixar ficar o corpo sossegado e seguro, com as mãos agarradas à balaüstrada de ferro do meu terraço.

O espírito sabe voar sózinho, sem perigos escusados,

e pousa onde quere, se fôr ajudado pelas asas da memória, as que nenhum anjo lhe deu. Não senhores, os anjos não nos deram a memória, presente do Demónio, desejoso de nos saber a relembrar, saüdosos, o sabor do pecado, já perdoado na confissão, mas vivo na memória, a fazer das suas, até o dia em que a memória se apaga e com ela a vida ou o juízo — que são duas perdas iguais, uma e outra sem remédio.

O meu turismo é a minha varanda e a minha memória, duas ofertas interesseiras do Demónio, para me tentar. Do alto daqueles dois mal-intencionados miradouros vejo a fita prateada do Tejo e, do outro lado, o Alfeite, Almada e Cacilhas com as suas taberninhas onde a memória, indiferente à distância, morde a isca e me obriga a entrar, na esperança de me fazer ter pena de saber que, se lá fôr outra vez, não encontro a pequena de olhos verdes com quem, às escondidas, comi enguias de caldeirada e beijos que não eram meus.

Vejo daqui, ou antes, adivinho, as ruas que levam às ruas da Alfama. A memória arrasta-me por elas, sem se

importar com a lama de que a chuva miùdinha vai cobrindo o bairro das guitarradas. Que regalo para o Demónio ver-me recordar, perdido de saùdade, as noites perdidas nos pecados daquelas ruas que sobem por outras ruas até o alto da colina onde, com fingido arrependimento, pedem perdão à Senhora do Monte, por me terem embriagado aos poucos, nas suas milhentas esquinas, a ponto de eu querer à fôrça entoar o fado com a lição da voz afinada da minha garota de olhos verdes.

Não só Vossa Excelência, Senhor Visconde, teve asas que vos faziam subir aos céus, e meninas de olhos verdes! Há outras asas e outras Marias na terra; eu também as tive, quando andava nos vinte anos e na Poesia!

O meu turismo é a minha varanda e a minha memória. Num golpe de asa mais firme, sigo ao longo das pedras eternas do Aqueduto e deixo cair um olhar sôbre a minha casa antiga que tinha um relógio de sol onde eu, em tempo, via o gume de sombra cortar o meio-dia. Regresso, a razar o chão como as andorinhas, quási a beijar a terra que me viu nascer. O meu turismo é esta varanda; é dela que partem as minhas visitas, de acaso ou de circunstância, à cidade nobre que me viu crescer. Tenho um pecado em cada colina, já perdoado mas a fazer das suas na memória que o Demónio me deu. Alto de Santa Catarina, Alto de São João, Alto do Pina, Bairro Alto, cidade cheia de alturas, com um fantasma pequenino que só eu pressinto, a planar mais alto que a mais alta colina.

O meu turismo, faço-o sem calças de golf*, sem máquinas fotográficas a tiracolo e sem itinerários da Agência* Cook. *(Fartei-me de andar pelo mundo, e foi como se estivesse parado nesta varanda voltada ao Tejo; demorei-me nas grandes capitais, e voltei sempre à minha capital pequena, que a memória, a voar de colina em colina, de pecado em pecado, transforma em metrópole gigante, em nova Atlântida a que os estranhos perdem a pista, para mim tão clara). O meu turismo, igual ao de todos os que sentem profundamente o quási doloroso encanto da terra onde viveram a infância e a adolescência e foi sempre o pôrto seguro de acidentais peregrinações, consiste em não me cansar de repetir os mesmos trajectos, as mesmas conversas, os mesmos olhares às coisas e às paìsagens aparentemente inertes mas, na verdade, animadas por secreto impulso.*

Sem sair da ampla varanda, voltada ao Tejo inundado de sol, transportado pela memória mais rápida e segura que os expressos e os Clippers, recomeço a excursão sem fim, guiado pela nostalgia de uns olhos verdes, que tinham por baixo uns lábios teimosos em dizer-me deliciosas mentiras, em português, com a pronúncia de Lisboa.

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

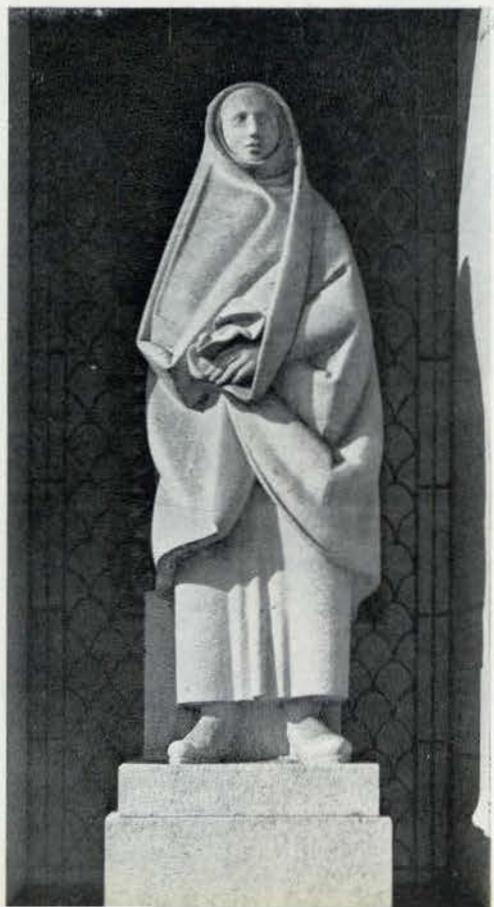
A fachada do edifício. Arquitectura de Pardal Monteiro. Esculturas de Barata Feyo

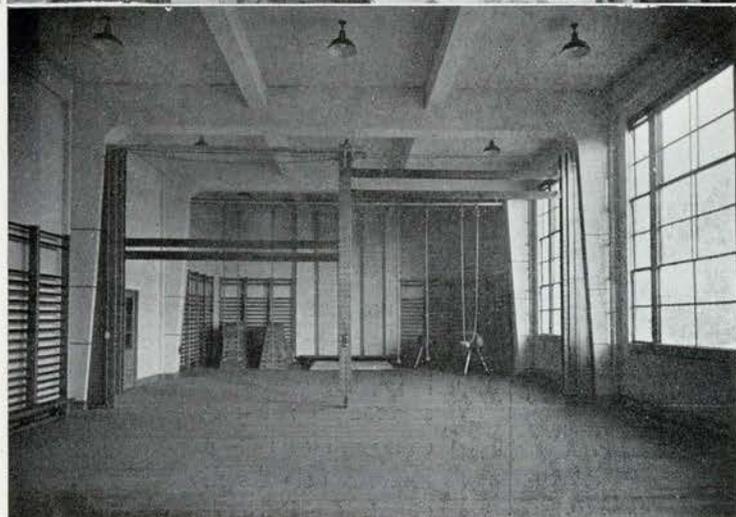
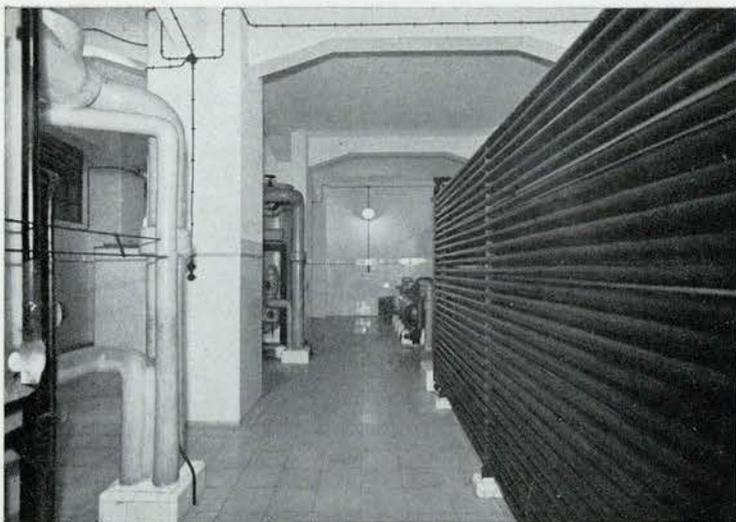
OS ARMAZÉNS FRIGORÍFICOS DA C. R. C. B.

por *Rui Neves Pereira*

TEMPO houve em que era apenas de 26 unidades o total da nossa frota bacalhoeira, pescando-se sòmente 5,5 % do bacalhau de que necessitávamos. O mal-estar era provocado pela instabilidade de câmbios e flutuação constante da nossa unidade monetaria, anteriormente à estabilização e, ainda, pela má organização das emprêsas, fraco rendimento da pesca e concorrência desregrada do bacalhau estrangeiro.

Eram maus, também, os métodos de pesca que se empregavam, a qualidade e condições dos lugres e o momento escolhido para a partida dos barcos.

Tal era o quadro em que se apresentavam a Indústria e Comércio nacionais, quando, em 5 de Junho de 1934, se criou a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, «para assegurar ao produto pescado em navios nacionais uma defesa suficiente contra a concorrência excessiva e desleal do produto estrangeiro».

Foi o bastante para que, disciplinada a Indústria e assegurada a venda do bacalhau a preços compensadores — por disciplina imposta pelo Estado através da C. R. C. B. e dos respectivos Grémios interessados — logo melhorasse a situação, trazendo a afluência de capitais e rejuvenescimento da frota.

Impuseram-se grandes melhoramentos nos lugres: T. S. F., motores de propulsão, frigoríficos para o isco, doris com flutuadores, aumento da tonelagem dos barcos, adopção de métodos mais rigoro-

Diversos aspectos das amplas e bem apetrechadas dependências do edifício da C. R. C. B.

rosos de pesca, etc. Construíram-se os primeiros arrastões (inovação nos métodos de pesca nacionais) dotados com todos os requisitos modernos e que são hoje considerados como dos melhores do género.

Em suma: aumentou-se a capacidade da frota e melhoraram-se as suas possibilidades de trabalho.

Quanto aos pescadores, garantiu-se-lhes a possível assistência e previdência social, e a equitativa remuneração do seu trabalho.

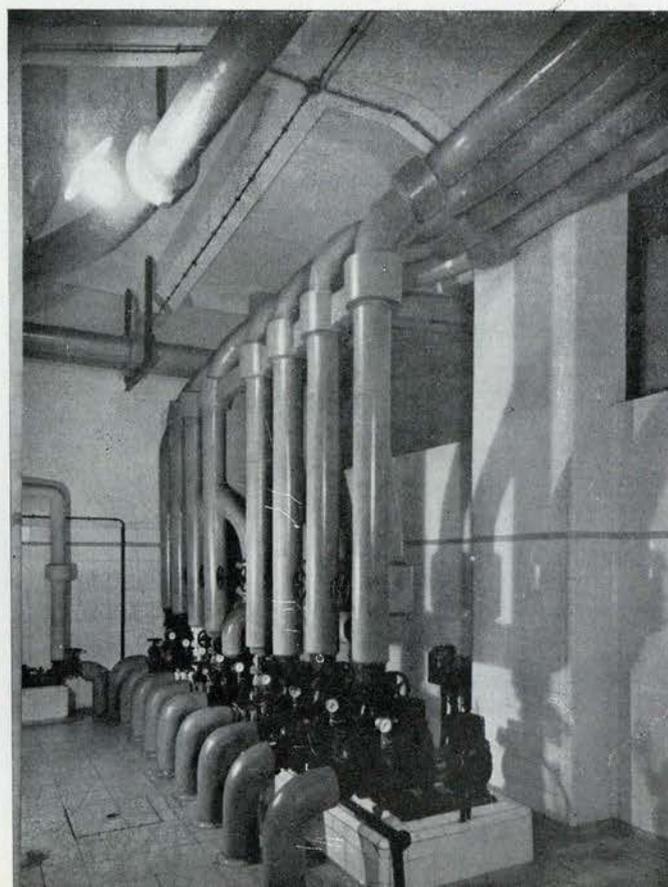
É interessante, a todos os títulos, o confronto dos seguintes elementos estatísticos:

	1934/35	1941 42
Navios enviados à pesca	34	48
Tripulação	1.317	2.276
Capacidade de pesca	162.100 qts.	364.648 qts.
Produção da pesca, em sêco	101.793 »	254.288 »
Consumo do País	911.315 »	567.593 »
Percentagem da produção nacional no consumo	11,2 %	44,8 %

Esclarecemos que a percentagem da produção nacional no consumo é excepcional na campanha de 41/42, devido à diminuïção da importação, em conseqüência da guerra.

Mas, se computarmos o consumo anual médio em 800.000 quintais de 60 kgs., número que é o geralmente verificado em tempos normais, verifica-se que a produção nacional nessa campanha representa a percentagem real de 31,8 %.

O benefício feito na frota verifica-se pelo facto de, enquanto o número de barcos aumentou de cêrca de 40 %, a capacidade de pesca aumentou em cêrca de 130 %, o que bem significa a melhoria na categoria das unidades e métodos modernos de pesca.

Ainda com o objectivo de contribuir para o aperfeiçoamento da pesca e tecnologia do bacalhau nacional, tem a C. R. C. B. envidado o maior dos seus esforços, para tal instituindo os seus Serviços Técnicos, a cargo de três médico-veterinários e um biólogo, cujas principais realizações têm sido as seguintes:

a) — Trabalhos laboratoriais para a investigação científica, tendentes ao aperfeiçoamento da técnica de preparação e conservação do bacalhau e sua inspecção sanitária, entre os quais se citam o isolamento dos agentes da «alteração vermelha» e do «empoamento», o estudo da acção bioquímica do sal destinado à salga do bacalhau, o estabelecimento de quais os antissépticos e suas regras de aplicação na desinfecção dos porões, armazéns e seus pertences;

b) — Assistência técnica a todos os secadouros de bacalhau e navios da frota, ainda no sentido do aperfeiçoamento da técnica da preparação nacional, para tal já se tendo deslocado um dos técnicos em missão de estudo aos Bancos da Terra-Nova e Groelândia onde, a par de várias observações, teve ensejo de colher diferentes elementos interessando à biologia e que constituem um dos núcleos do futuro museu;

Pormenor do laboratório ★ Um dos baixos-relevos alegóricos do escultor Barata Feyo

c) — Estudo da técnica de armazenagem e conservação frigorífica do bacalhau e orientação conjunta dos Armazéns, em conseqüência da qual todo o bacalhau recebe prévia inspecção técnica e sanitária e é conservado nas melhores condições.

ARMAZÉNS FRIGORÍFICOS: — A C. R. C. B. construíu os modernos frigoríficos destinados à conservação de razoável «stock» de bacalhau sêco, medida essa que pode reputar-se de largo e inteligente alcance económico nacional.

O Armazém Frigorífico de Lisboa é um amplo e moderníssimo edifício, construído em obediência aos melhores princípios arquitectónicos e de engenharia civil.

Serve, rigorosamente, ao fim a que se destina: a higiene e a técnica de conservação e armazenagem de bacalhau, frutas e outros produtos hortícolas.

Compõe-se de três corpos de sete pavimentos, tendo anexo um outro edifício, onde se instalaram os Serviços Centrais, isto é: a sede da C. R. C. B.

(Continua na pág. II)

FOTO HORÁCIO NOVAES

Crianças do Nosso Povo

DESENHO DE OFELIA MARQUES

Quási todos os artistas modernos portugueses têm sido sensíveis ao carácter fisionómico e à expressiva graciosidade das crianças do nosso povo.

FOTO MÁRIO NOVAES

NASCIDAS e criadas na serra, na planície, na cidade ou à beira-mar; morenas ou louras; nédias ou magras; de cabelos lisos ou encaracolados, as crianças do nosso povo têm expressões definidas, modos típicos, traços fisionómicos distintos. Misturem-nas com outras de vários povos estranhos... Ainda que desconhecidas, desnudas e caladas, talvez se possam reconhecer com facilidade. Não é preciso ser etnógrafo ou iniciado nos mistérios da frenologia; basta estar atento e saber distinguir essa imponderável mas apreensível combinação de humildade e orgulho, timidez e audácia, acanhamento e naturalidade que lhes assoma aos olhos e se expande nos gestos, nos sorrisos, nas atitudes, timbrando de enternecedora graça a gravidade sensível da sua presença. Evocando o Natal, é nesses garotos e meninas do nosso povo que especialmente pensamos, chamando para êles a carinhosa atenção dos nossos leitores. — Lembram-se? O sapatinho na chaminé...

FOTOS DE TOM

Busto em bronze

Em redor da arte dos Portugueses

AS ESCULTURAS QUINHENTISTAS DO BENIM

por Diogo de Macedo

NEM tôda a escultura realizada pelos povos africanos é africana. Exactamente como nos povos europeus ou americanos, nos meios incultos ou civilizados, dos tempos bárbaros ou modernos, a Arte, com as suas realidades estéticas e migratórias, se espalhou e influenciou como fluido misterioso, no espírito e nos dotes de excepção dos artistas primitivos, clássicos, românticos ou extravagantes de futurismo. Dêsse mistério, que as ciências históricas e positivas explicam, em parte, resulta o exotismo de determinadas peças de arte nos centros de maior cultura tradicional, adaptadas a uma atmosfera mesmo antagónica,

por vezes. E se êsse estranho facto se dá em meios de firmeza estética e apurados em estilo, em épocas de consciência e educação particulares, também por razões anormais êle se efectua nos lugares mais inesperados e em tempos vários, onde porventura exista na terra uma sensação estética local, isto é, um núcleo de homens deleitados na criação de motivos de beleza e dotados de uma ansiedade expressional de formalismos de arte e seus conseqüentes desejos de renovação profissional.

O problema da cultura do Benim é um dos mais evidentes mistérios da Arte consagrada. No centro da África, nas margens do Níger, em plena era do renascimento europeu, pouco depois das Américas descobertas e os mares longínquos desvendados pela aventura dos navegadores da Península Ibérica, criou-se ali uma Arte exótica, imprevista e formosa, com características asiáticas, de puro orientalismo estético e novidade metalúrgica, moldada contudo sôbre tipos e étnicas locais, mas com funções decorativas e simbólicas nunca usadas nos povos africanos. O seu segrêdo, o seu mistério, o fluido espiritual dessa criação isolada, explica-se um tanto pela receptibilidade local às influências alheias, por certo remotas, como noutros sítios do continente, em que as invasões ou emigrações de povos egípcios, árabes ou asiáticos, provocaram semelhantes mistérios, embora nenhum de tão acentuada influência. Mas outra causa os sábios atestam ser a sua principal, senão única, razão dessa admirável novidade. Foi a do contacto e predomínio dos portugueses, ali desde 1486, que então navegando pelo mundo, por mares nunca dantes navegados, lá aportaram com conhecimentos novos e entusiasmados, por deslumbramento, com a arte indiana, que chegaram a fazer reflectir-se na sua própria, baptizada de *manuelina*, e logo fizeram as primeiras experiências de adaptação de gostos e de ciências adquiridas na fundição do bronze com o auxílio de terras refractárias às quais os profissionais chamam areia, introduzindo dêste modo em tão recôndito lugar, os gostos e os saberes orientais que êles, primeiro que ninguém descobriram e cultivaram, marcando na Europa um sinal indestrutível da sua maravilhosa aventura marítima. Nas terras de África por onde passaram e principalmente na Nigéria, a sua generosidade de colonizadores e artistas, deixou semelhantes padrões dessa cruzada, como noutras peças

Um dos mais interessantes vestígios da nossa escultura quinhentista em África: - Composição manuelino-beninesa, em marfim, com quatro personagens

de escultura em barro e em madeira se verificam em províncias de além, não atingindo, no entanto, como no Benim, tão definida e possante expressão, de relativa originalidade, mesclando reminiscências de composição e sensualismos estéticos do Oriente, com as crenças, usos e tipos dos gentios, ao ponto de fundarem ali, por assim dizer, uma arte típica e diferente de tôda a chamada, erradamente, *negra.*

Do domínio e influências dos portugueses — Diogo Cão descobrira a costa, que foi por nós colonizada — , permitindo humanas transacções de princípios religiosos e de fausto com os chefes das tribos do Benim, se enriqueceram santuários e a principal habitação dêstes príncipes, e sacerdotes, na qual séculos depois foram encontradas e dispersas por mãos menos respeitosas de outros dominadores, as peças que se ostentam hoje em galerias de arte, estrangeiras, e algumas por dádiva do Dr. Schoeller, em 1899, na Sociedade de Geografia de Lisboa, consideradas com justiça como verdadeiras obras de arte dignas de museus maiores, e não limitadas à exposição de secções etnológicas. Na arte universal e quinhentista, as esculturas do Benim são peças que valem tanto como as melhores imagens da época.

Ao orgulho dos portugueses seus auxiliares e transmissores, que até 1536, e depois de novo no século XVII, eram os únicos europeus que ali podiam traficar com os indígenas, devemos recordar o valor dessa arte. Para mais, entre tantas peças de bronze, ferro batido, estanho e madeira, senão ouro como se presume, bustos, figuras de guerreiros, composições em relêvo, animais estilizados, etc., existe numa colecção germânica uma preciosa prova da nossa activa colaboração com os artistas beninenses, executada em marfim, e na qual se vê um agrupamento de navegadores portugueses — Albuquerque, D. João de Castro, Gama ou outros? — , em redor de uma nau, que completa triangularmente a histórica e documental composição. Esta escultura e a do hostiário congolês, que se guarda no Museu Grão-Vasco, e as cabeças do Ifé, em argila, merecem de nós um culto patriótico.

Feitiço feminino manipulado com contas de vidro (moderno)

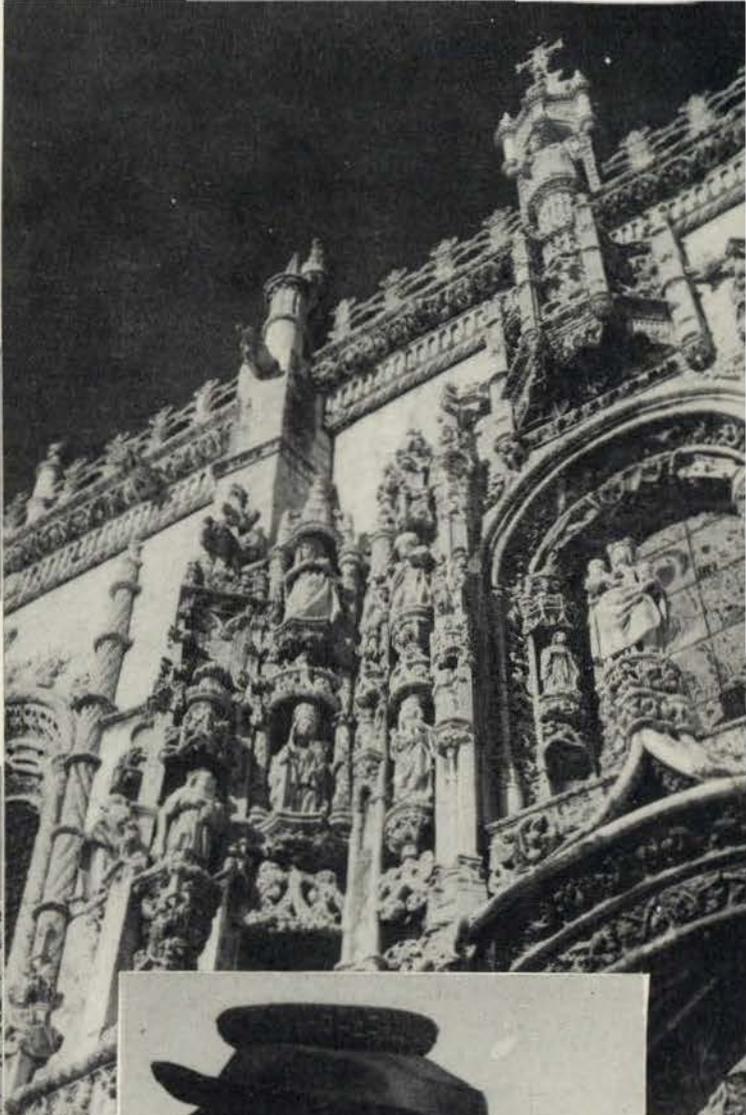
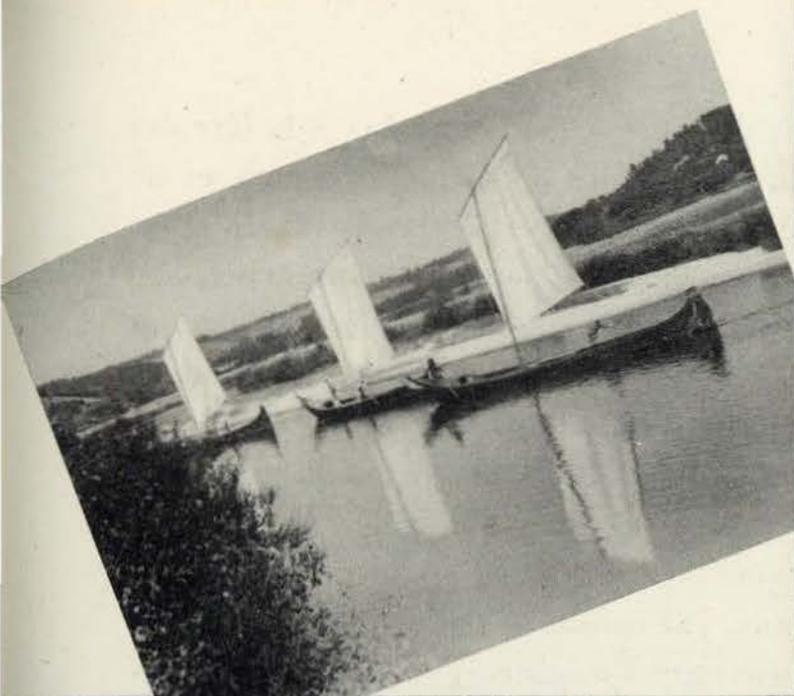
Não esqueçamos, pois, ao memorar a Arte dos portugueses, aquém e além-mar, de reivindicar para a nossa História da Arte, a escultura do Benim, do século XVI. Assim como fomos nós quem extinguiu ali o culto selvagem dos sacrifícios humanos, e mais tarde, antes do domínio dos franceses e depois dos ingleses, também abolimos a escravatura, assim fomos os introdutores dessa civilisação plástica, cujas raízes secaram com o tempo.

Estudo (inédito) para um busto. Escultura de Barata Feyo

À PERSONALIDADE VOLUNTARIOSA E CONSTRUTIVA DO ENGENHEIRO DUARTE PACHECO, SERVIDA POR UMA INTELIGÊNCIA FULGURANTE, UM JUSTO SENTIDO DE MODERNIDADE E UM PURO SENTIMENTO DE LUSITANISMO, FICA O NOSSO PAÍS A DEVER UMA OBRA DE EXTRAORDINÁRIAS PROPORÇÕES, ALTAMENTE SIGNIFICATIVA DA VITALIDADE E DOS RECURSOS TÉCNICOS E ECONÓMICOS DA NAÇÃO ✠ PANORAMA, QUE DESDE O SEU INÍCIO TEM REGISTADO ÀS BELAS REALIZAÇÕES QUE ÊLE CONCEBEU, FOMENTOU E DIRIGIU, ASSOCIA-SE AO DESGÔSTO NACIONAL PELA PERDA DO GRANDE PORTUGUÊS, E ANUNCIA QUE O PRÓXIMO NÚMERO SERÁ ESPECIALMENTE CONSAGRADO À SUA INFATIGÁVEL E FECUNDA ACTIVIDADE MINISTERIAL

ALOCUÇÃO PRONUNCIADA POR SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DA SUÍÇA EM PORTUGAL, SENHOR HENRY MARTIN

Messieurs et chers amis portugais

Me voilà encore une fois devant vous, orateur inévitable cheichant à vous dire des choses nouvelles:
Avant-hier soir, j'étais loin d'avoir épuisé la liste des points de comparaison, disons des points de contact, entre votre beau Portugal et mon pays.
J'ai dit que nous étions tous deux industrieux, mûs par un même idéal de paix et que nous puisions dans nos vignobles respectifs le secret d'un caractère amène, mais je n'ai pas encore dit que nos deux peuples étaient sans esprit de conquête et satisfaits de leurs frontières immuables depuis des siècles, que la presse des deux pays travaillait avec amour et intégrité pour le bien de nos deux nations, que nos peuples étaient faits pour se comprendre et se compléter, et aussi que tous deux s'étaient donné des institutions de premier ordre pour faire valoir, connaître et développer nos beautés naturelles et notre tourisme, puisque c'est au tourisme que notre réunion est dédiée ce soir.
Le tourisme est impuissant sans l'art de la propagande et de la publicité, cette publicité cent fois répétée et qui pétrit sans cesse ni répit les désirs des hommes comme de la pâte à papier.
Le tourisme est donc la résultante de votre potentiel touristique multiplié par votre propagande.
Et elle est certes admirablement faite.
C'est une joie de recevoir et d'admirer vos splendides publications, si bien conçues et imprimées, et si richement illustrées.
Et je la fais moi aussi, votre publicité, en racontant mes randonnées à travers votre lumineux pays.
Je l'ai parcouru du Nord au Sud, sur les belles routes que vous devez au régime du Président Salazar.
Je me suis passionné pour les amandiers roses de l'Algarve, j'ai fait plusieurs fois l'ascencion de la Foia et de la Picota, j'ai vu au Cap Saint-Vicent un énorme

soleil orange tomber dans la mer, mais sans jamais découvrir le fameux rayon vert, je me suis promené sur la grève du Château du Ministre des Colonies, à Ferragudo, en collectionnant des coquillages, j'ai chanté les charmes de Cascais, de Guincho, d'Estoril et de Sintra, du Château des Maures et de la plage mythologique d'Adraga, où l'on s'attend à voir Nisa, Nérine et Doto, les néréides des «Lusiades», émerger de la mer et venir nous protéger contre les vagues séductrices, comme elles avaient volé aux secours des Portugais sous la conduite de Vénus, j'ai assisté à cheval à des «tentas» dans les «ganaderias» du Ribatejo, et j'ai même, bonnet vert de «campino» sur la tête, en présence de Nuncio, été

acclamé comme «Ribatejano de honra», j'ai joué à l'«aficionado» à la fête des gilets rouges de Vila Franca, j'ai admiré les ruines d'Obidos, de Leiria et de Montemor-o-Velho, je me suis passionné pour les majestueuses et magnifiques cathédrales et les couvents d'Alcobaça, de Batalha et de Tomar, splendide héritage d'un glorieux passé, j'ai vu les pêcheuses et les pêcheurs de Nazareth, rudes travailleurs de race carthaginoise, si pittoresques avec leurs étoffes semblables aux tartans des clans de Haute Ecosse, je me suis indigné contre les courtisans cruels d'Alphonse IV et j'ai pleuré avec les filles du Mondego sur la mort tragique de la belle Inês de Castro, dont j'ai retrouvé un portrait de Metrass dans le Musée de Vizeu. Je me suis imprégné de l'esprit de Coimbra, ce centre imposant de la haute culture lusitanienne, j'ai connu le Douro, et ce délicieux Minho avec ses pampres roux qui grimpent dans les arbres, j'ai vu le château du premier de vos Rois, le rude paladin Alphonse-Henri, je me suis enthousiasmé pour la noblesse de caractère et la beauté du geste d'Egas Moniz, venant, corde au cou, offrir sa vie et sa famille, à la Cour de Tolède, au Roi Alphonse VII de Castille, et les batailles d'Ourique et d'Aljubarrota n'ont plus de secrets pour moi; j'ai vu la belle forêt de Bussaco, la charmante vallée du Vouga, et les lagunes d'Aveiro.

De la place de Viana do Castelo, je suis allé jusqu'à Monção et à Braga, par Arcos de Val-de-Vez, dont je n'ai pu oublier le pilori manuelin du XVI^ème^ siècle. Mais hélas, le manque d'essence m'a privé du plaisir de visiter le Trás os Montes où je voulais aller voir des troupeaux de petits chevaux luso-galiciens, dont nous avons à Berne, ao Dépôt de la Remonte de l'Armée, deux exemplaires baptisés Castor et Pollux.

Et surtout, je voulais voir Monsanto, le lauréat de votre si ingénieux «Concurso das aldeias».

Je ne sais pas si la neige de l'Estrela, qui m'est encore inconnue, pourra rivaliser avec celle du Parsenn ou du Glacier d'Aletsch, mais j'irai m'en rendre compte à mon premier loisir.

Il me faudrait des jours pour dérouler la fresque prestigieuse de vos paysages et je sens qu'il est temps de mettre un terme à ce petit voyage oratoire, qui a rafraîchi mes souvenirs en me donnant la nostalgie du revoir.

Il n'est pas un coin caché, un «escondidinho» de votre pays, où je ne voudrais retourner ce soir ou demain.

Et voilà, j'arrête ma machine pour donner la parole à mon Confédéré, M. Siegfried Bittel, directeur de l'Office National du Tourisme, à Zurich.

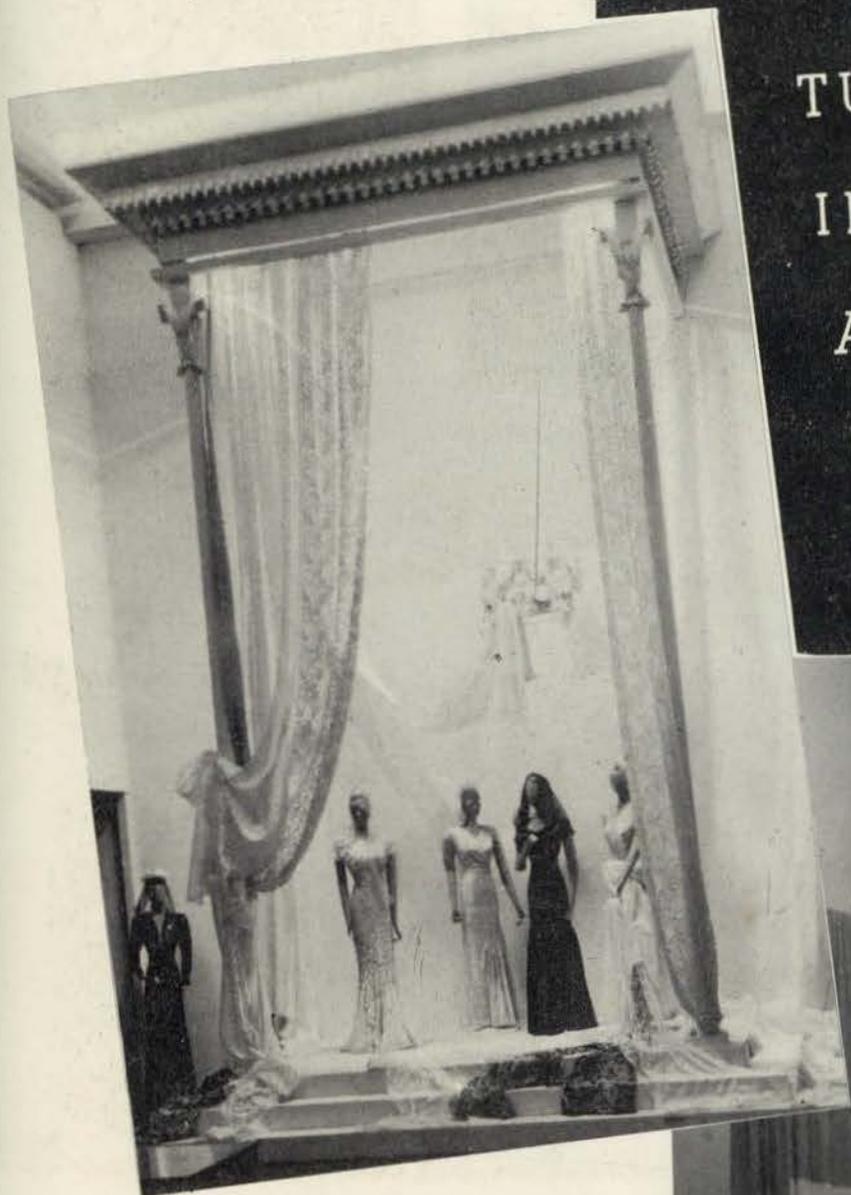
Le 9 Novembre 1943

SUISSA

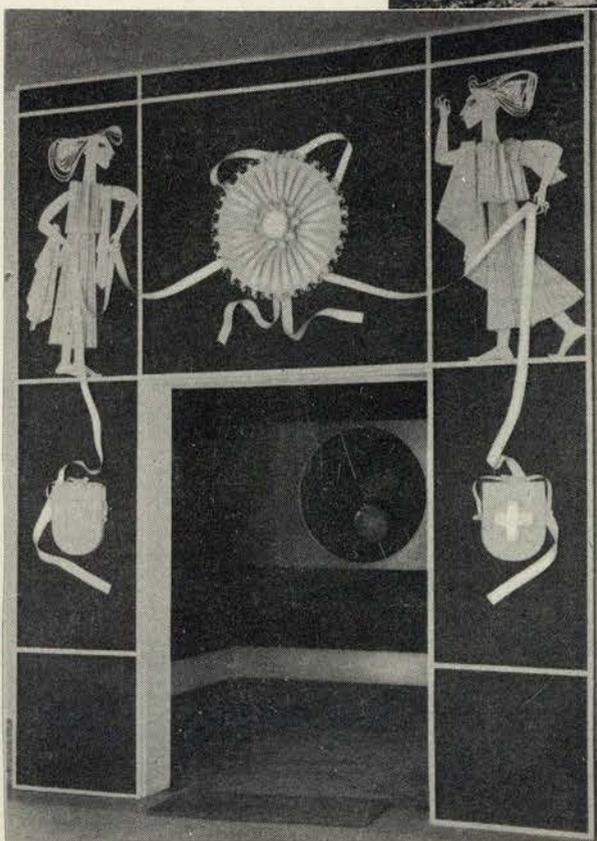
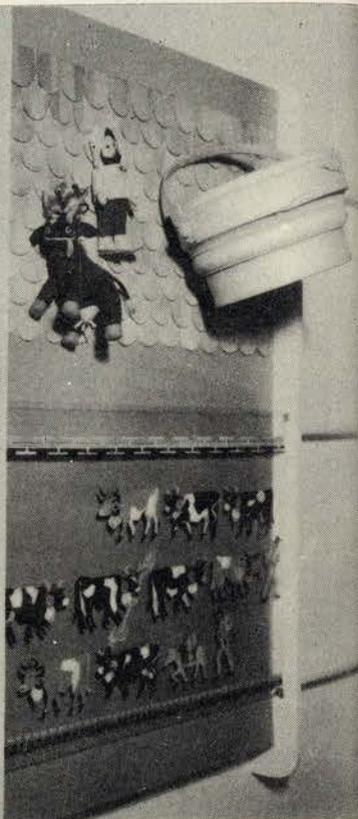
TURISMO

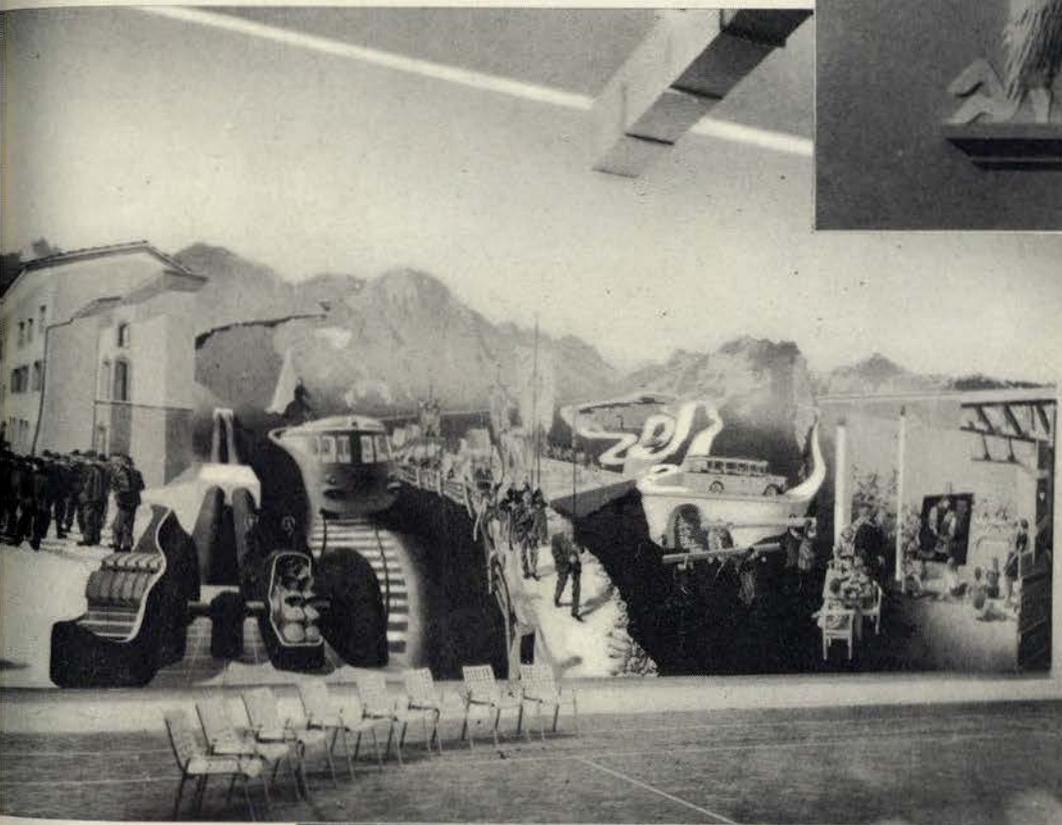
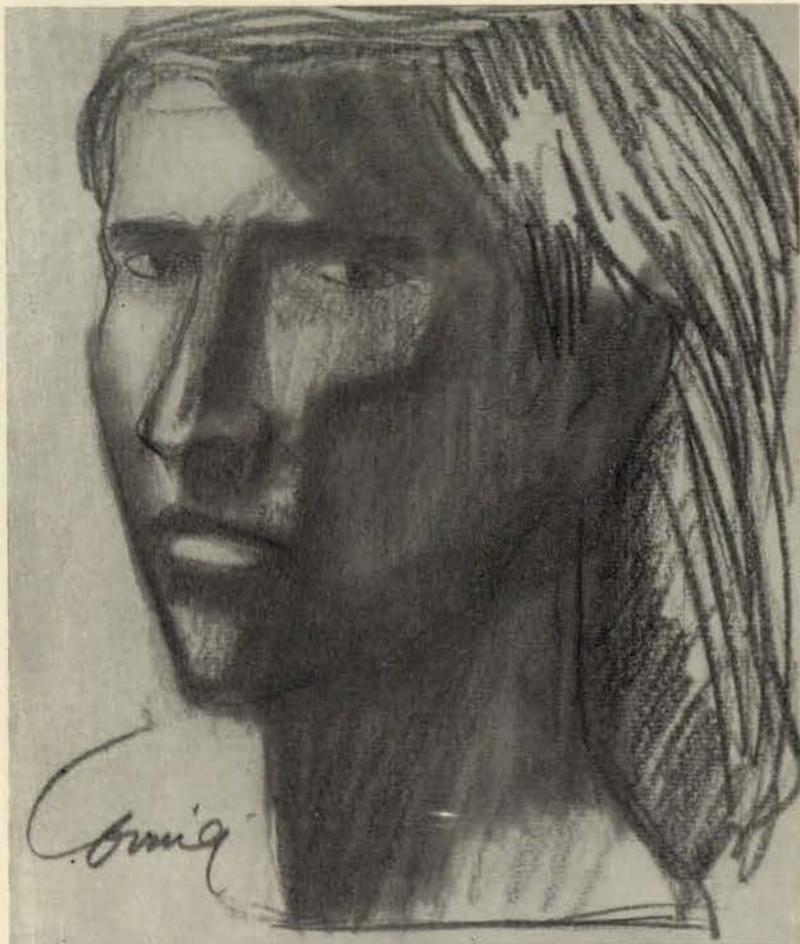
INDÚSTRIA

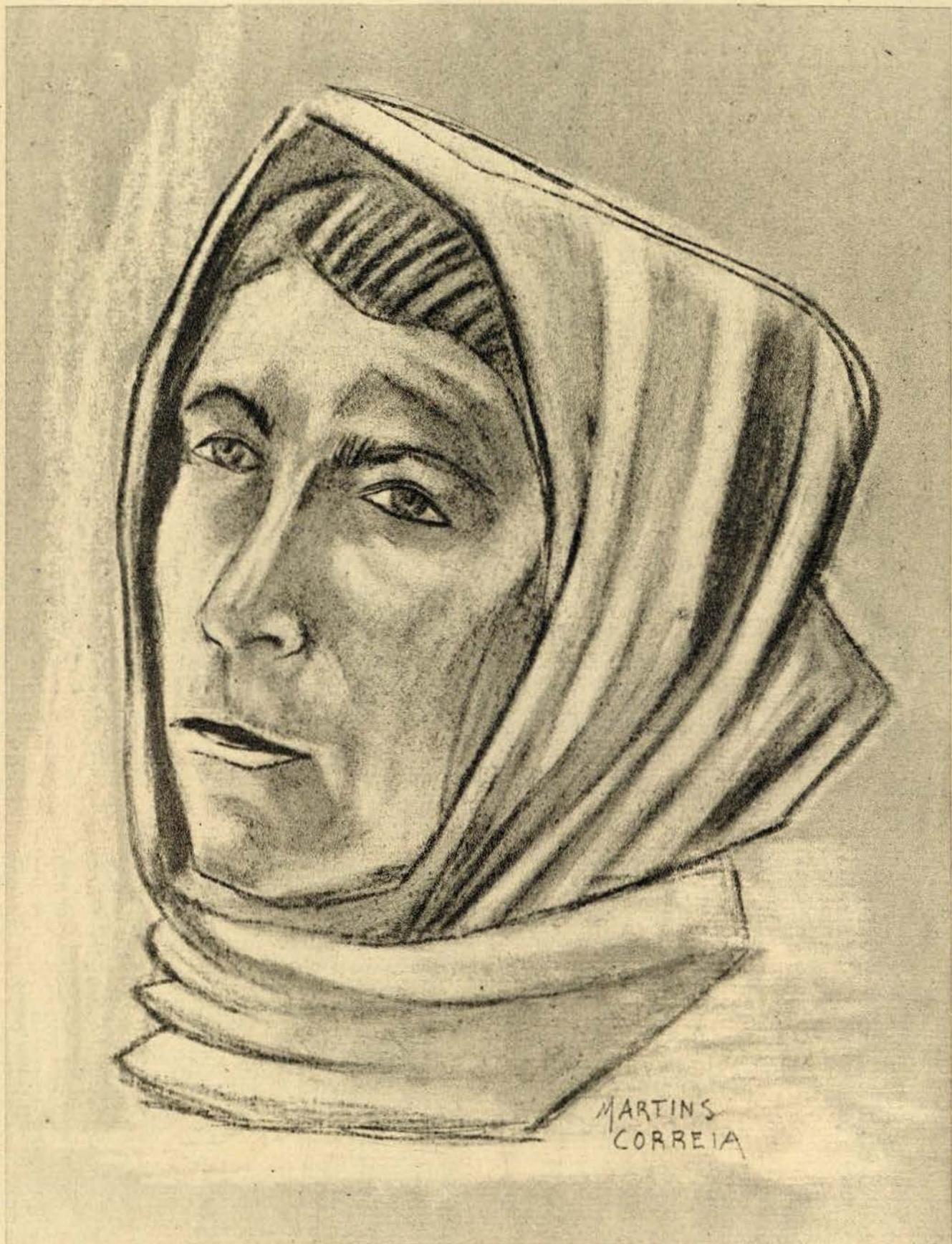
ARTES

GRÁFICAS

CAIXA de surprêsas... Relógio de precisão... Combòiozinho maravilhoso que dá a volta ao mundo da infância... Alpinismo e cordealidade... — Só com uma cadeia de síntese dêste arriscado teor poderíamos exprimir aqui o complexo de deliciosas impressões que nos deixou a Exposição Suíça, *recentemente instalada num dos corpos do nosso Instituto Superior Técnico.*

Mas nem para isso chegaria o espaço destinado a prosa,

Dois pormenores da Exposição Suíça. — Composição decorativas de Eugen Hafelfinger, realizadas em papel recortado.

nestas breves páginas de registo gráfico. Porque a Suíça, país de sínteses, todo êle uma síntese admirável de hospitalidade, bom gôsto, vitalidade e civismo, encerra uma grandeza que transcende os apertados limites do seu território, e um encanto, um pitoresco e um carácter de que êste certame foi, como estava certo que fôsse, uma amostra minúscula. Assim o planearam, inteligentemente, os seus organizadores: — o Centro Suíço de Expansão Comercial, de Zurique e Lousana, *com o auxílio do* Centro de Turismo

de Zurique *e da* Legação da Suíça em Lisboa. *Para o êxito invulgar desta inesquecível Exposição (criteriosamente dividida em secções consagradas à Produção industrial, Artes Gráficas, Turismo e Culinária) contribuíram vários artistas modernos — chefiados pelo arquitecto Max Kopp — em pinturas murais, mapas, fotografias, cartazes, manequins e arranjos ornamentais reveladores de acertado gôsto e apurada técnica, sobressaindo, pela sua graça e originalidade, os bonecos recortados em papel, de Eugen Häfelfinger.*

Outro curioso recorte em papel de E. Hafelfinger. — Pintura mural de C. Erni. — Dois belos relógios antigos.

O escultor Martins Correia, jovem pela idade e pelo vigor do talento, é um artista de sensibilidade moderna que respeita os valores permanentes, essenciais, da tradição clássica. Daí o equilíbrio que os seus trabalhos revelam, mesmo quando — como nos estudos que ilustram estas páginas — a sua mão se exercita no desenho de interpretação livre e no emprêgo dos processos técnicos peculiares à estética contemporânea.

DESENHOS DO ESCULTOR MARTINS CORREIA

DESENHO DE MARTINS CORREIA

OS INTERIORES DAS CASAS TAMBÉM TÊM A SUA HISTÓRIA

A CASA DE ANTÓNIO FERRO

UMA casa é matéria plástica que o espírito do seu habitador amolda à sua imagem e semelhança, como as mãos do artista conformam e afeiçoam o barro a uma ideia. A alma duma casa é a alma da pessoa que nela vive — e por isso uma casa vasia dá quási sempre a impressão de um cadáver, de um corpo sem alma.

As casas tomam assim fisionomias diversas conforme a personalidade dos seus moradores, tal como um espêlho reflecte diversas fisionomias conforme as pessoas que o encaram. A casa de António Ferro — sem pretensões de riqueza, sem alardes de luxo, sem preciosismo — é um exemplo típico dêste fenómeno. Nela viveu Oliveira Martins, o historiador do Príncipe Perfeito e de Nun'Álvares, o crítico do *Portugal Contemporâneo*. Do seu tempo restam algumas fotografias. A que publicamos hoje basta para dar uma ideia do que era a casa da Calçada dos Caetanos quando o autor de *O Helenismo e a Civilisação Cristã* nela habitava.

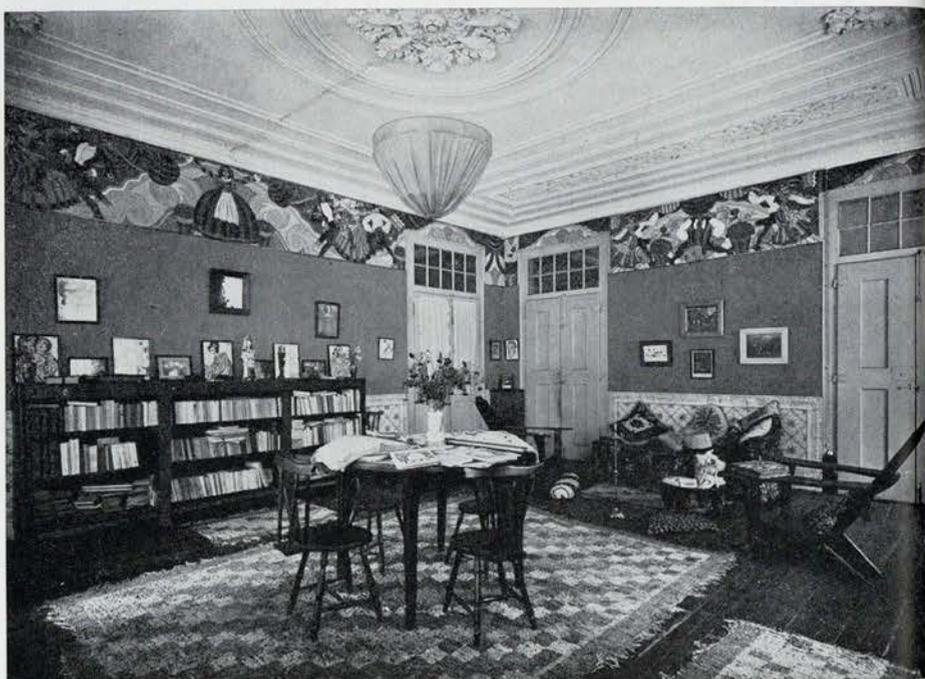
A sala grande dêsse primeiro andar desposara então a personalidade de Oliveira Martins — um estudioso, um homem de gabinete, filósofo e historiador, político romântico e socialista teórico que foi um político teórico e um romântico socialista. Para além das feições do

Um recanto do Salão. Demonstração prática de como um «bar» moderno pode ter as proporções de um «contador» antigo.

1890

A sala maior da casa de Oliveira Martins era o seu gabinete de trabalho — o gabinete de um «homem de gabinete», do estudioso debruçado sôbre os problemas da história, da filosofia, da política, entre estantes de livros, à luz dum candieiro de petróleo e à sombra dalguns grandes vultos do pensamento: Proudhon, Carlyle, Michelet... O aposento tinha então o desconfôrto e a aparente desordem de quási todos os escritórios dos intelectuais da época.

1923

O jornalista António Ferro instala-se na casa que foi de Oliveira Martins. A sala grande daquêle primeiro andar da Calçada dos Caetanos transforma-se num cartaz do «modernismo». A tôda a sua volta um berrante friso corègráfico de Bernardo Marques. No chão tapetes policromos, de desenhos geométricos. As estantes, que outrora subiam invariàvelmente pelas paredes, passaram a adoptar uma perspectiva horisontal. Profusão de pinturas e desenhos de rapazes que faziam escândalo nos arraiais artísticos. Todo o conjunto grita o seu vanguardismo — como um pregão.

1943

A sala do Director do Secretariado da Propaganda Nacional traduz a estabilização da arte moderna, afirma o advento de um novo classicismo. Todos os elementos da decoração — nêste novo arranjo de Paulo Ferreira — fundem-se em harmoniosa serenidade. Desapareceram as complicações, os efeitos gritantes. Simplicidade e equilíbrio. O requinte na sobriedade. Valorização das obras de arte que completam a decoração. — Na sala respira-se uma atmosfera de confôrto físico e de reconfôrto espiritual.

O escritório de António Ferro. — Sôbre a secretária um globo terrestre, emblema do viajante infatigável. — Alternando com as estantes dos livros predilectos, armários envidraçados em que formigam bonecos de tôdas as nações — "mapa-mundi" da arte popular...

século XIX que se encontram no mobiliário e na decoração do aposento, é a personalidade do discípulo de Proudhon e de Mommsen, do admirador de Michelet e de Carlyle que transparece nessa fotografia.

Os anos passam, e António Ferro instala-se nêsse primeiro andar tranqüilo. A casa é sacudida pelo vendaval de renovação do após-guerra, que veio revolver e revolucionar a política, as artes, as letras — a Vida. A sala grande transforma-se num cartaz de modernismo. O repórter trás para essa dependência pacatamente lisboeta a poeira explosiva dos quatro cantos do Mundo. A personalidade do jornalista António Ferro impõe-se à velha casa da Calçada dos Caetanos. Por intermédio do espírito irrequieto do novo locatário — protótipo da sua geração — a febre do após-guerra dá-lhe outro semblante, outro aspecto, vinca-lhe novos traços, determina-lhe uma vibração nova.

Mas passam alguns anos mais. Ao jornalista António Ferro sucedeu António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional — à trepitante actividade do jornalismo sucederam a responsabilidade dum cargo oficial e a realização duma obra de responsabilidade. A casa sofre a evolução do seu morador. Dez anos de «Política do Espírito» transformaram uma e outro.

A sala da casa de António Ferro possui hoje uma harmonia que poderemos chamar neo-clássica. Tôdas as suas proporções são a das antigas linhas do edifício, todos os móveis e todos os elementos de decoração são modernos; o conjunto distingue-se no entanto pelo mais perfeito equilíbrio. Semelhante resultado chega, até, a ter carácter exemplar. O antigo e o moderno casam-se admiràvelmente — trata-se apenas de uma questão de gôsto e d inteligência.

Outra lição se pode tirar da casa de Antó-

Ao topo da sala, a decoração dir-se-ia concebida para servir o tríptico maravilhoso de Paulo Ferreira, que preside a todo o conjunto com o esplendor cromático das suas tintas

nio Ferro: a arte moderna (chamemos-lhe assim por comodidade, embora fôsse talvez mais justo dizer «arte contemporânea»), a verdadeira arte moderna não é incompatível com o confôrto do espírito. Tôda a gente reconhece ao mobiliário moderno especiais condições para assegurar o confôrto físico, mas ainda se encontram muitas pessoas que acusam a decoração modernista de agressividade e a consideram incapaz de fornecer o indispensável confôrto do espírito. A casa de António Ferro prova o contrário — e prova-o à farta. O seu ambiente é acolhedor a mais não poder ser. Acolhedor e repousante.

Trata-se apenas — ainda — de uma questão de gôsto e de inteligência. São êstes os únicos factores da operação. Foram êles que ditaram a simplicidade extrema de todo o arranjo — base fundamental das decorações da casa. Nenhuma ostentação, nenhuma redundância de adôrno. Nem preocupações de luxo nem pretensões de aparato. Os móveis são de uma sobriedade rigorosa, os cortinados da mais discreta singeleza. E tôda a composição prima por um critério de desafectação e de naturalidade que realça o valor artístico ou representativo de tudo o que completa e caracteriza a decoração.

Quem entrasse nesta casa desconhecendo o seu locatário e ignorando até a sua própria existência, depressa descobriria que se tratava de alguém que correra as sete partidas do Mundo, de alguém que acompanhara de perto a vida intelectual e política do seu tempo aquém e além fronteiras, de alguém com largo e íntimo convívio com os artistas da sua época. As pinturas, os dese-

Os quartos, como a casa de jantar (em baixo), fogem por completo aos cânones consagrados. Em vez de trinchantes e aparadores com loiças e pratas — estantes com livros, fotografias e esculturas.

senhos, as fotografias, as esculturas, os *bibelots* que se vêem pelas paredes e sôbre os móveis da sua casa são autênticas notas de reportagem da sua vida de reporter cosmopolita, de viajante impenitente e de animador da «Política do Espírito» em Portugal. Na sala, fotografias autógrafas de d'Anunzio, de Pirandello, de Maeterlinck, de Afonso XIII, de Unamuno. Um «instantâneo» duma conversa com Salazar, em pleno campo, lembra as famosas entrevistas de 1932. Um óleo de Francisco Smith, uma gravura de Marie Laurencin, alguns pitorescos azulejos do Brasil, um grupo de «caricaturas de trapo» de Júlio de Sousa (expressivas silhuetas femininas de 1900), uma «cabeça»

(Continua na página VII)

DOMINGOS MASCARENHAS

FOTOS MARIO NOVAES

DECORAÇÃO DA GARE MARÍTIMA DO PÔRTO DE LISBOA

Cartões para os painéis: «D. Fuas Roupinho, Almirante da Esquadra do Tejo» e «Ó Povo onde eu nasci!» 3,m5×6,m25

Cartões para o tríptico a fresco: «Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa», – 3 (4m×6,m25)

CARTÕES PARA OS PAINÉIS DE JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

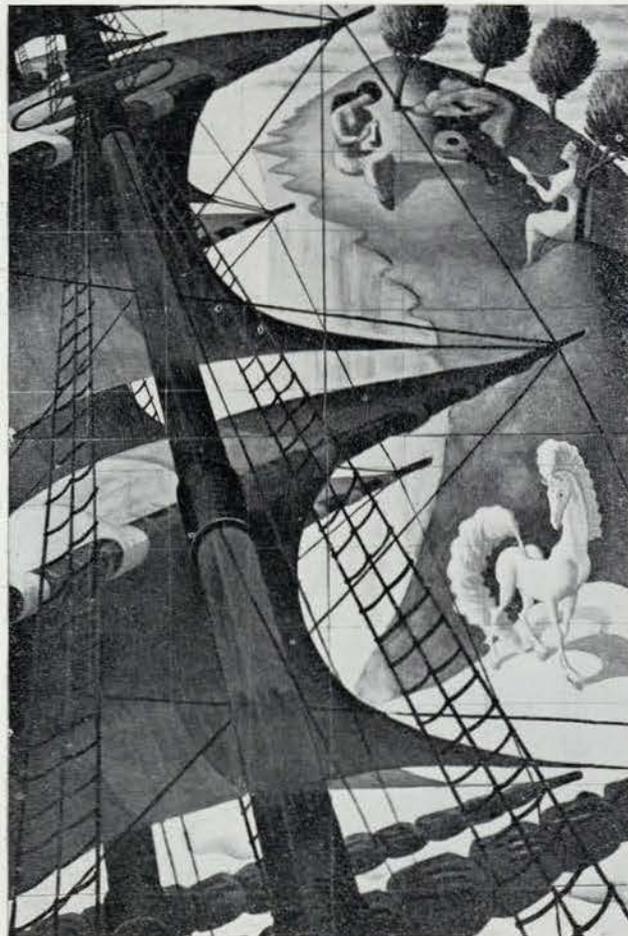
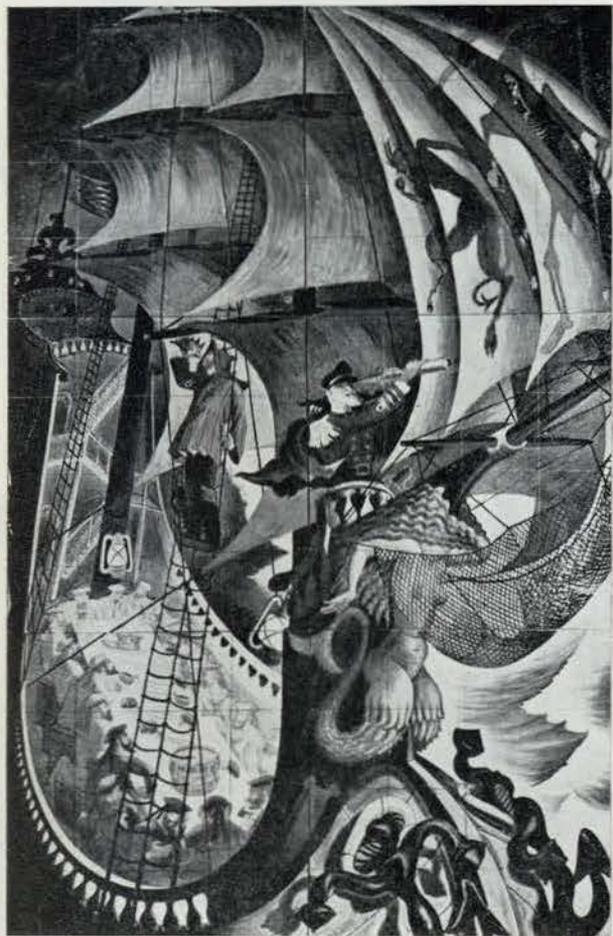
UMA das obras de maior vulto e mais evidente utilidade para o incremento do turismo nacional efectuadas sob o esclarecido critério e dinâmico impulso do Eng.º Duarte Pacheco, é a dos importantes melhoramentos do Pôrto de Lisboa (prolongamento dos cais, construção de armazéns, melhorias nas docas, novo apetrechamento, etc.), a que fizemos pormenorizada referência, em artigos ilustrados, nos números 1 e 10 da nossa revista.

Integrada no plano geral dessa obra está a nova Gare Marítima, em Alcântara, de que também já publicámos — no número 13 — elucidativas fotografias. Amplo, de sólida construção e linhas sóbrias, o edifício corresponde inteiramente aos méritos já de há muito firmados pelo arquitecto Pardal Monteiro, autor do projecto, que soube subordinar os elementos estéticos à finalidade prática da obra, numa solução inteligente e digna. Dêste modo, a nova Gare Marítima de Alcântara será, de futuro, uma sala de espera acolhedora, confortável, civilizada, para os que, vindo pelo mar, visitem o nosso país.

O projecto incluia a decoração mural do Salão de 1.ª Classe. Os novos materiais de construção e a economia linear da arquitectura da nossa época vieram impor o ressurgimento da pintura ornamental «a fresco». Estava desde logo indicado, para essas decorações, o nome de Almada Negreiros, que já dera edificantes provas, artísticas e técnicas, em trabalhos congéneres.

Os belos cartões que nestas páginas se publicam, inspirados em temas de raiz nacional, dão-nos uma idéia aproximada do que essa obra vai ser, nas suas vastas proporções: — mais uma afirmação indiscutível do talento, da fantasia, da capacidade de trabalho e dos múltiplos recursos do nosso grande Artista, a quem a moderna arquitectura portuguesa já ficara a dever preciosa colaboração, com os vitrais da Igreja de N.ª S.ª de Fátima e os «a frescos» decorativos do novo edifício do *Diário de Notícias*.

FOTOS MARIO NOVAES

Lá vem a Nau-Catrineta que tem muito que contar

Cartões para um dos painéis decorativos, a fresco, de Almada Negreiros, destinados ao novo edifício da Gare Marítima do Pôrto de Lisboa — magnífica interpretação plástica de um dos mais belos romances poéticos de criação popular: a «Nau-Catrineta.» — 3 (4 m × 6, m 25).

DESENHO DE ALMADA NEGREIROS

Casa da Câmara (Século XII)

BRAGANÇA

UMA BELA CIDADE A DESCOBRIR

HÁ lugares comuns, idéias e frases feitas que têm sempre razão de ser, oportunidade constante e comprovação infalível. É o caso de dizer-se que os portugueses conhecem mal o seu país. Ora, preguntem a qualquer que não seja transmontano, se conhece a região de Trás os Montes — agora englobada pela classificação administrativa na província Trás os Montes e Alto Douro. Preguntem, e verão... Era curioso, até, fazer-se um inquérito público e organizar-se uma estatística. Curioso e útil. Ver-se-ia como é diminuto o número de portugueses, mesmo dentre os mais viajados por terras nossas e estranhas, que alguma vez ultrapassaram o Marão, indo do sul, ou as serras do Gerez e da Cabreira, saindo do Minho, para desvendar a paisagem forte, rude e altaneira desta fértil região nortenha, e os encantos inumeráveis das suas vetustas povoações.

Aí, onde já não chegam as refrescantes brisas marítimas, onde a terra tem outra côr, a vegetação adquire outras expressões, os costumes e o próprio folclore (nas suas modas arcaicas da faina rural, as «loas», os «reis» e o «encomendar das almas»), se mostram diferenciados, mais discretos e graves, poucos turistas se atrevem a *subir*.

Menos, aïnda, para lá de Montalegre, terra de fundas

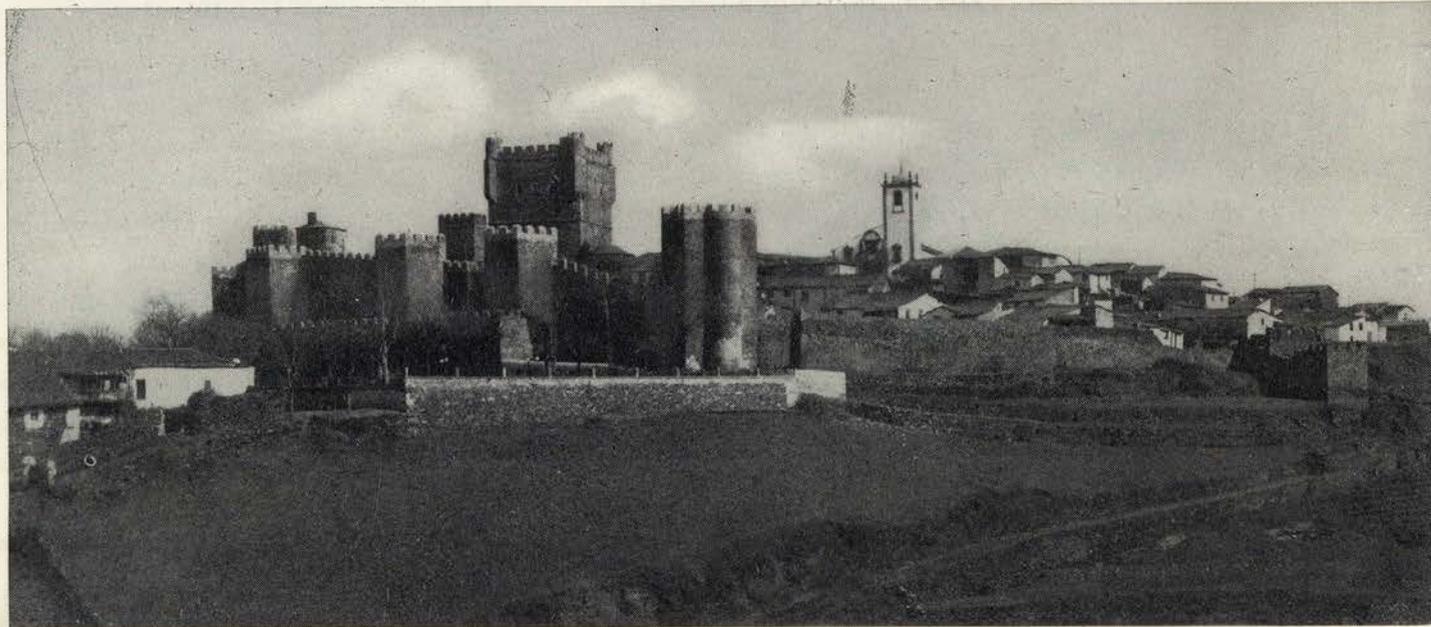
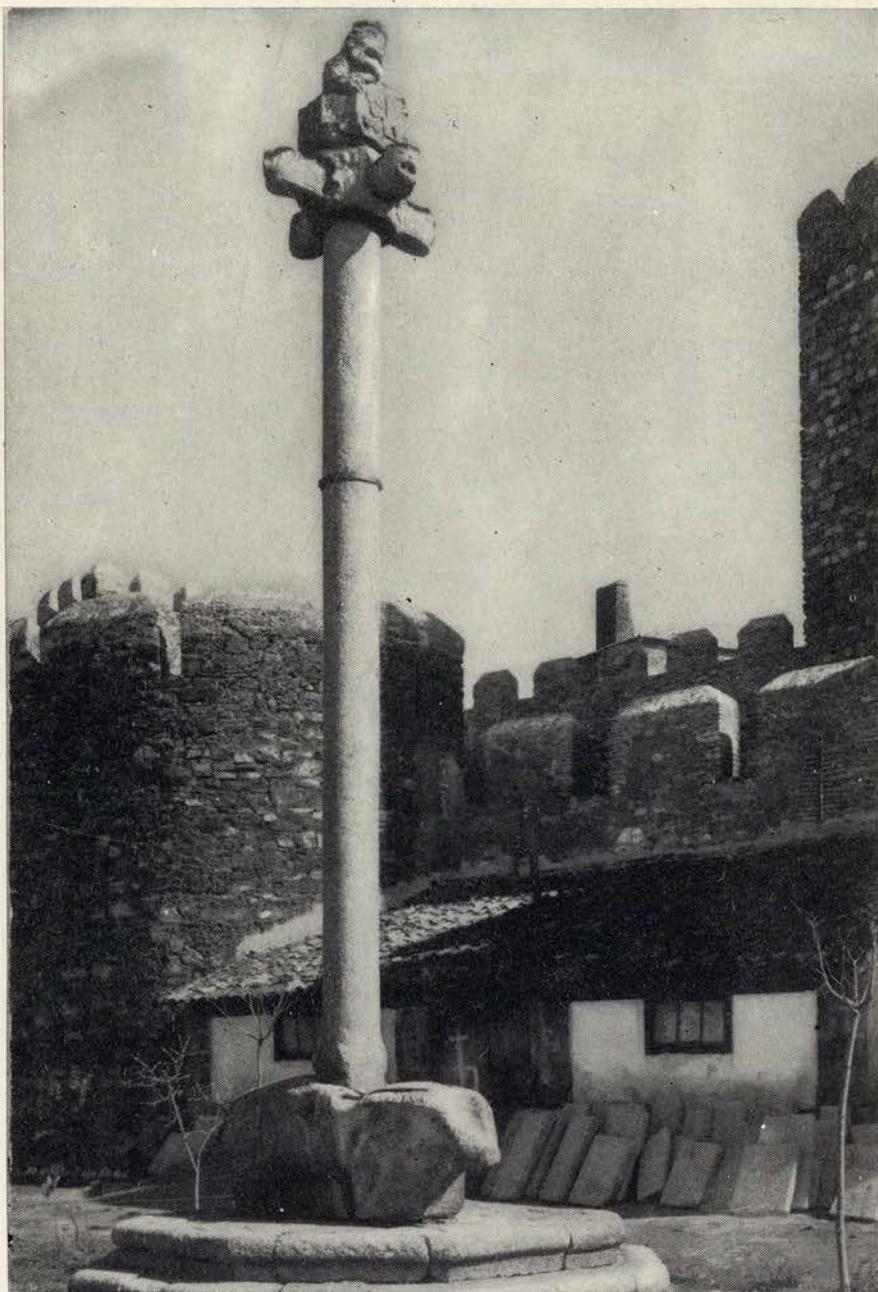
Porca da Vila (Pelourinho)

pastagens e de gados de grande nomeada, por Chaves, as antigas *Aquæ flaviae,* até Bragança, no extremo norte do país, «para admirar — como escreveu António Arroio — a antiga cidadela, a vila gótica edificada no alto do monte em cuja encosta a cidade desce até à chã onde se alarga».

Pois vale a pena lá ir — creiam os leitores que ainda sentem estremecer no seu âmago o anseio genético das descobertas e conquistas...

Vale a pena ir a Bragança, e ficar alguns dias (alojamentos não faltam) nessa bela e portuguesíssima cidade, onde eclodiu — em 1808 — a revolução popular contra os invasores franceses.

Lá encontrarão, ainda quási intacta, a sua cinta de muralhas, em lanços sucessivos ligados por bastiões; a Tôrre de Menagem, com as suas admiráveis janelas góticas e o maravilhoso panorama que domina; o Cruzeiro; a Porca da Vila; a igreja de São Vicente, com belas esculturas em madeira, do século XVII; a igreja de Santa Maria, do século XVI; a Casa da Câmara, do século XII — um dos raros monumentos

Castelo e antiga vila

Vista geral da cidade e o Cruzeiro

de arquitectura civil que subsistem da época romana em Portugal; as igrejas quinhentistas de Santa Clara e de São Bento — esta com um magnífico teto mudéjar, no seu côro, em forma octogonal — e numerosas casas de habitação, de primitivas formas góticas.

Bragança (como, aliás, tôda a região a que pertence) não é das terras mais favorecidas pelo *progresso turístico*, mas é, sem nenhuma dúvida, um dos burgos de mais acentuado carácter nacional — na gravidade plástica da sua variada arquitectura —, de maior pitoresco e interêsse histórico, que se encontram no norte do País.

EM DEFESA DA PAÏSAGEM CONTINENTAL

JARDINS PORTUGUESES

por **FRANCISCO CALDEIRA CABRAL**

FALÁMOS, brevemente, dos antigos jardins de Portugal e mostrámos o muito que nêles tínhamos de aprender. Hoje trataremos de fazer algumas considerações gerais e mostrar aspectos essenciais do projecto de um jardim.

Todos os que conhecem a extensa zona de areias situada ao sul do Tejo, a tão falada mancha do Pliocénico, viram por certo no meio da charneca coberta de mato, com os seus sobreiros e pinheiros mansos característicos, pequenas hortas rodeadas por uma sebe primitiva de caniço e mato entrelaçados.

Foi assim que começaram os jardins, e logo nasceram com características que os haviam de marcar para sempre.

Espaço fechado, destinado a culturas especiais e mimosas, o jardim teve de defender-se primeiro dos animais bravios, como ainda hoje na charneca, e depois quando a população foi aumentando, também do homem. O jardim que representa a forma mais intensa de apropriação da terra, desde que o homem construíu a sua casa e se fixou, passou a constituir com ela um todo único, o seu prolongamento exterior, e assim se foram desenvolvendo — no aspecto formal, a idéia de recinto, de espaço delimitado - e, no aspecto espiritual, a sua intimidade.

Temos pois de ter sempre presente que o jardim é um espaço a três dimensões, facto que freqüentemente se esquece porque em geral não é possível desenhar alçados — no jardim o que interessa são os cortes, o aspecto interior — e portanto vemos apenas diante de nós uma planta. Mas isso é só uma razão a mais para insistirmos na necessidade de considerar a terceira dimensão, para termos bem presentes os dois elementos — superfície e altura. Repare-se que se no exemplo apresentado a sebe forma o elemento de contraste que delimita a superfície, na mata a idéia de jardim aparece ligada à clareira, e então são as árvores circundantes que nos dão o elemento de altura.

É evidente que o primeiro cuidado ao fazermos o projecto de um jardim deve ser a boa proporção entre a superfície livre e as alturas que a limitam. Estas dependem de muitas sujeições funcionais — como abrigo dos ventos, defesa contra a vista dos vizinhos, ensombramento resultante, pontos de vista que queremos manter ou encobrir — e a melhor solução do

projecto será sempre um compromisso entre as várias exigências consideradas segundo a sua importância relativa, notando que é essa também a de maior beleza.

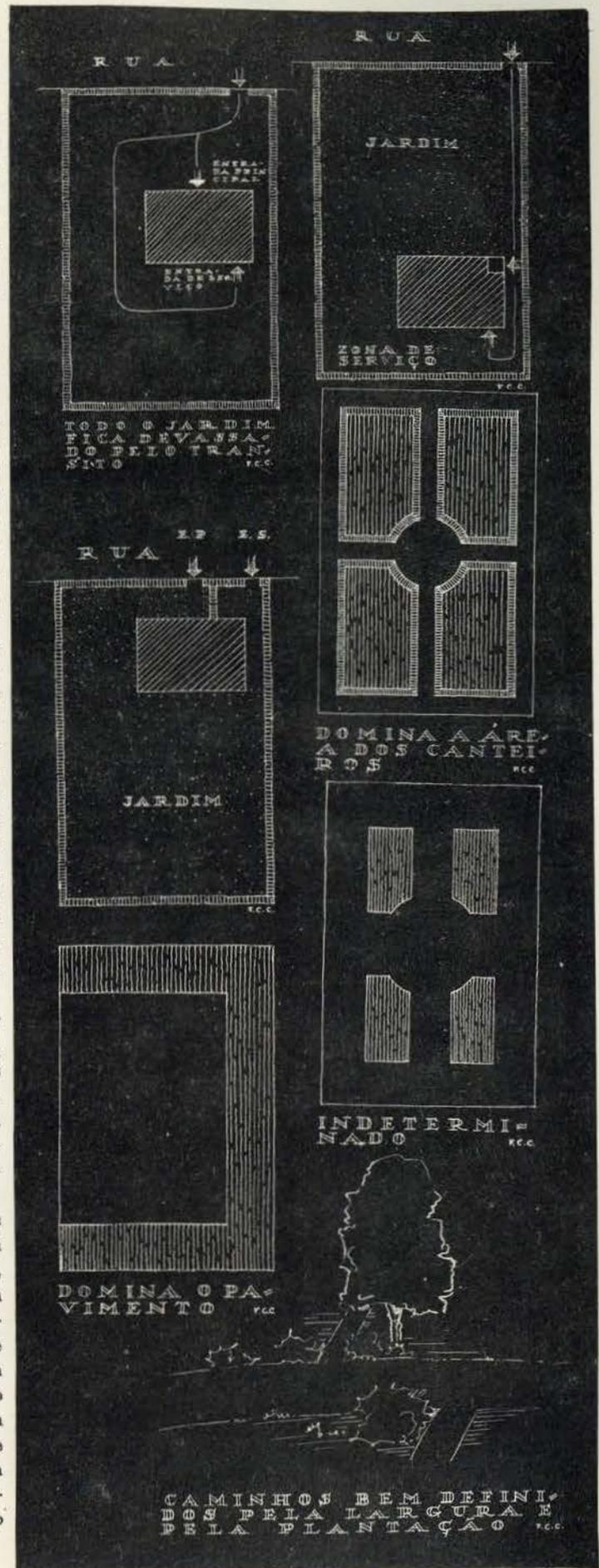
Convém desde o início estabelecer clara distinção entre as diversas zonas do jardim com diferentes funções, como por exemplo — zona de trânsito, zona de estar, zona de passear — e estudá-las de forma a que não haja interferência entre umas e outras. De uma maneira geral pode dizer-se que tudo o que retalha a superfície diminui o seu tamanho aparente, porque destrói a sua unidade. É por isso errado colocar as casas a meio do terreno e abrir depois um caminho que corta êste em duas partes iguais e se dirige para o meio da casa. Mesmo quando esta já esteja construída e não seja fácil modificá-la há sempre maneira de remediar ou, pelo menos, atenuar o inconveniente.

Outra regra geral é a necessidade de que haja em cada parte da composição um elemento dominante a que os outros se subordinem. Assim, por exemplo, é freqüente ver em muitos jardins uma proporção sensìvelmente igual da área de ruas e de canteiro que nos deixa indecisos sôbre qual dêles é o mais importante. Nos claustros, os jardins tinham um desenho de buxo com estreitas ruas que, embora necessárias para tratar dêles, faziam parte do desenho que formava um todo, como um tapête verde, visto que a zona de trânsito era pròpriamente debaixo das arcadas, ao passo que nos pátios das nossas casas há apenas alegretes junto às paredes deixando todo terreno livre para o movimento dos carros e das pessoas. Há muitas vezes tendência para exagerar a largura das ruas do jardim quando a verdade é que o seu funcionamento depende muito mais da lógica com que foram traçadas. Devemo-nos lembrar sempre da lei do menor esfôrço e de que a maior parte dos nossos actos são subconscientes. Por isso as ruas não deverão ter tôdas a mesma largura, marcando assim claramente os percursos principais e secundários, e quando haja necessidade de fazer confluir duas ruas com uma terceira é melhor evitar o cruzamento que deixa a pessoa indecisa, afastando os pontos de encontro e assinalando-os de maneira diferente pela plantação ou pela largura das ruas laterais.

Também na plantação há a mesma necessidade de marcar claramente um carácter, não semeando indistintamente flores, arbustos e árvores por tôda a parte, mas sim formando grupos que umas vezes pelo contraste, outras por gradação, sirvam um fim determinado. Não quere isto dizer que se não possam plantar árvores ou arbustos isolados, mas então definitivamente sós para dar um primeiro plano ou marcar uma intenção especial.

É da maior importância a boa distribuição da luz e das sombras no jardim. Alguns, levados por exemplos de fora, em geral mal compreendidos e mal adaptados ao nosso clima, e pela ânsia de sol agora em moda, quási suprimem a sombra dos jardins esquecendo-se que êstes têm de ser habitados durante todos os meses do ano, outros — talvez por espírito de contradição — fazem consistir o jardim numa pequena mata onde nunca entraria um raio de sol — e também êstes não têm razão. A verdade é que há dias para o sol e outros para a sombra e que mesmo quando se está à sombra é sempre agradável ver o sol. Entre nós onde o sol de verão escalda e fere a vista há-de ser sempre apreciada a sombra e a frescura da água corrente, desde a matinha cerrada de cedros do Bussaco à meia luz dos choupos ou de uma latada.

VALE DO VOUGA

DE SERÉM A VOUZELA

COM um relancear de olhos pela admirável paisagem que tem ao fundo a serra do Caramulo, e vem pelos campos férteis de Macinhata até à suave encosta que desce na esquerda do Vouga, deixa-se a Pousada de Santo Antônio, confortável miradouro postado na margem de cá do rio, nas alturas encantadoras de Serém. E despegado a custo o olhar que se não cansara de fixar o horizonte e penetrar os recantos daqueles sítios, segue-se pela excelente estrada que vai ladeada de pinhais até Albergaria-a-Velha, onde se toma, então, em direcção à Beira Alta.

A estrada passa o Caima em Vale Maior e, mais adiante atinge Carvoeira, encontrando-se aqui com o Vouga e a via férrea, que passa a acompanhar. Todo o caminho ao longo do percurso do rio, atravessa um dos mais belos trechos montanhosos da Beira; mas o combóio, que quási parece um daqueles de brincar, levando o mesmo trajecto — porque passa alcandorado na vertente — proporciona, aos que vão nele, panoramas muito mais grandiosos.

Em Pessegueiro transpõe-se o rio e, agora pela margem esquerda, para onde a linha férrea também passou, o traçado da estrada, subindo, vai encontrar, aqui e além, os trilhos do combóio.

É a partir desta altura que o Vale do Vouga oferece pontos de vista mais admiráveis, maior riqueza e diversidade de aspectos — a paisagem adquire outra característica, outro tom, as colinas brandas desaparecem, e surgem os acidentes caprichosos e violentos. Entra-se na histórica região de Lafões, que (escreve Ramalho Ortigão) ao Minho «disputa a primazia da beleza».

Dois maciços montanhosos — a norte a serra da Gralheira e a sul as serras das Talhadas e do Caramulo — encaminham a corrida do rio que os separa e avolumam-lhe as águas com a teia dos afluentes que lhe dão.

Verdejante pela profusão de matas, vinhedos e pomares, pela vegetação e variedade de culturas, dispostas em socalcos pelo acidentado do solo, e agreste pelo relêvo áspero das encostas, às vezes talhadas em ravina ou elevando-se até cimos alterosos, a região de Lafões é um dos mais formosos trechos de Portugal.

Em Pessegueiro, na direita do rio, como não há pressa, vai-se de fugida a Sever-do-Vouga, e de aí por uma estrada de montanha, a serpear por encostas, ao planalto da serra do Arestal, a perto de 900 m. de altitude.

Subiu-se já bastante. Por tôda a parte nascentes de água vão formar ribeiros; agora a vegetação é rasteira, a parte superior da montanha é despida, nua — avista-se ao longe o Caramulinho e muito para lá das colinas de Lafões, barrando o fundo, a serra da Estrêla. Continua-se a ascensão e, para o poente, abrange-se a ria de Aveiro, na planície

Trecho de estrada em Sever-do-Vouga

Linha férrea de Espinho a Vizeu no Vale do Vouga

arenosa que vai até ao Cabo Mondego; depois o Buçaco, a serra da Louzã, e volvendo o olhar para o outro lado, o Montemuro, o Marão, o Pôrto. E deixam-se estas paragens depois de se verem as cascatas da Mijarela e a da Cabreira, esta despenhando-se no rio Mau de enorme altura, e o abismo que é o Pôço do Inferno aberto pelas águas do rio Gresso.

Depois da digressão a Sever, retomado o percurso, galga-se a estrada por Ribeiradio, Arcozelo das Maias, Pinheiro e Oliveira-de-Frades. Neste trôço o vale alarga-se, e a outra margem, a rude encosta da Gralheira, assim à distância, avoluma-se e mostra mais grandeza. Aqui e além, avistam-se os sulcos (curros) por onde deslizam do alto as madeiras que se precipitam no ar, caindo espectaculosamente, no rio que as conduz na corrida das águas.

E a caminho de Vouzela a estrada é uma alameda guiada entre árvores de tôda a espécie: — carvalhos e castanheiros, mimosas e árvores de fruto.

Vouzela data do tempo dos romanos e foi povoação importante. A sua grande feira mensal foi autorizada por D. Denis em 1307 e em 1436 já era sede do concelho de Lafões.

Aqui, as óptimas condições de turismo convidam a uma paragem. Como há bons alojamentos, é possível uma demora que dê tempo a realizarem-se excursões.

As Caldas de Lafões — S. Pedro-do-Sul — estão pertíssimo; para o Caramulo, cheio de atractivos pelo seu pitoresco e pelos panoramas de que é miradouro, é fácil o acesso, e o Vale do Vouga proporciona bastantes passeios.

A região tem ainda curiosidades arqueológicas — monumentos megalíticos, como a Casa da Orca da Malhada de Cambrilho, o dólmen do Espírito Santo da Arca e a Lapa de Meruje de Vermilhas, e restos de povoações fortificadas, castros que ainda encimam algumas elevações, nomeadamente nos montes de Lafão e Castelo, Paços de Vilharigues e o Crasto de Campia.

Na vila tem interêsse a Igreja Matriz, o único monumento românico de Lafões (que se supõe do séc. XII) com notável obra de cantaria em granito, representando figuras de pessoas e de animais simbólicos, e aí deve ver-se a abóbada de granito da Capela de Santo Cristo, retábulos em talha do séc. XVII, uma imagem da Virgem em gótico-manuelino, de 1513, atribuída a Diogo Pires-o-Velho e um grande Cristo crucificado; os Paços Municipais (1639) tendo em frente o Pelourinho; algumas interessantes casas quinhentistas, entre elas duas que foram dos Távoras; a Capela de S. Frei Gil (séc. XVIII) com frontaria em estilo D. João V (onde se venera o maxilar inferior do Santo padroeiro da vila) e a ponte romana sôbre o rio Zela.

Pousada do Serém

Oliveira-de-Frades

Um trecho do Vale do Vouga

FOTOS DE FRANCISCO VIANA, FRANCISCO SANCHES, J. M. COUTINHO

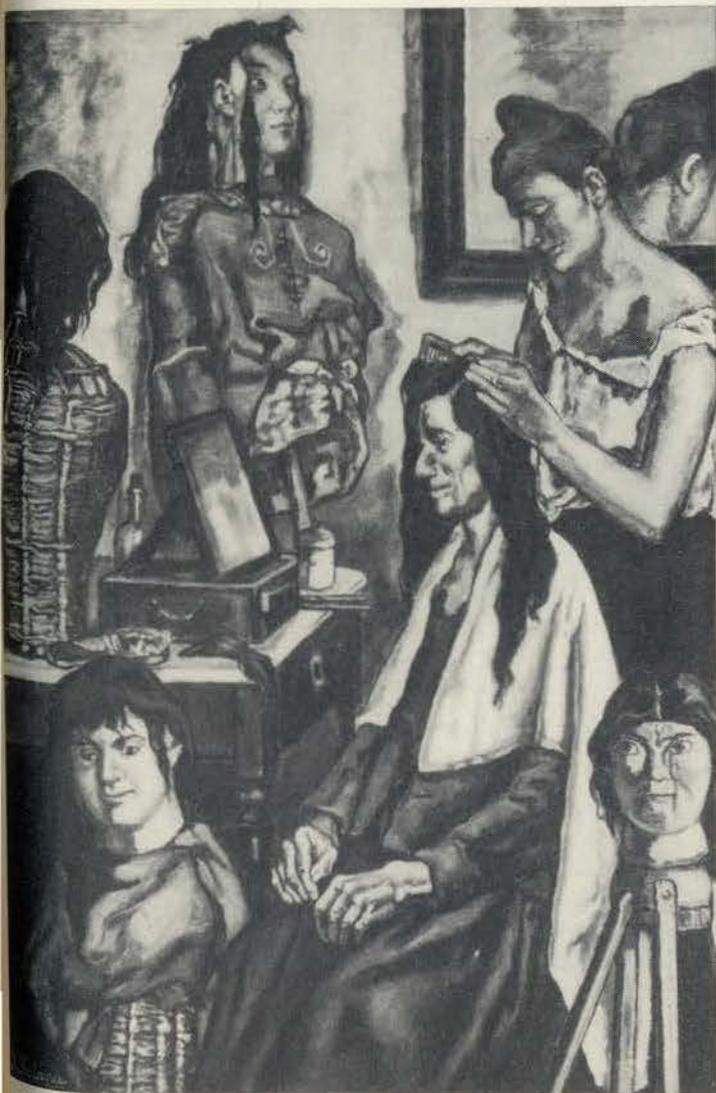
EXPOSIÇÃO DE ARTE ESPANHOLA

Benjamim Palencia: «Toledo». – José Clará: «Cabeça de jovem»

TERRA de plásticos, se pode dizer de Espanha, como de raros outros países, de tal modo se manifesta dominante a propensão do espírito espanhol para o cultivo artístico das formas e das côres. Não admira, pois, que o contributo do País vizinho para a história das Belas-Artes tenha sido, através das épocas, permanente e decisivo. Principalmente na pintura. Sem Greco, Velasquez, Goya e Picasso seria outro, decerto, o ritmo dessa maravilhosa linha evo-

lutiva e diversa, talvez, a sua actual expressão estética.

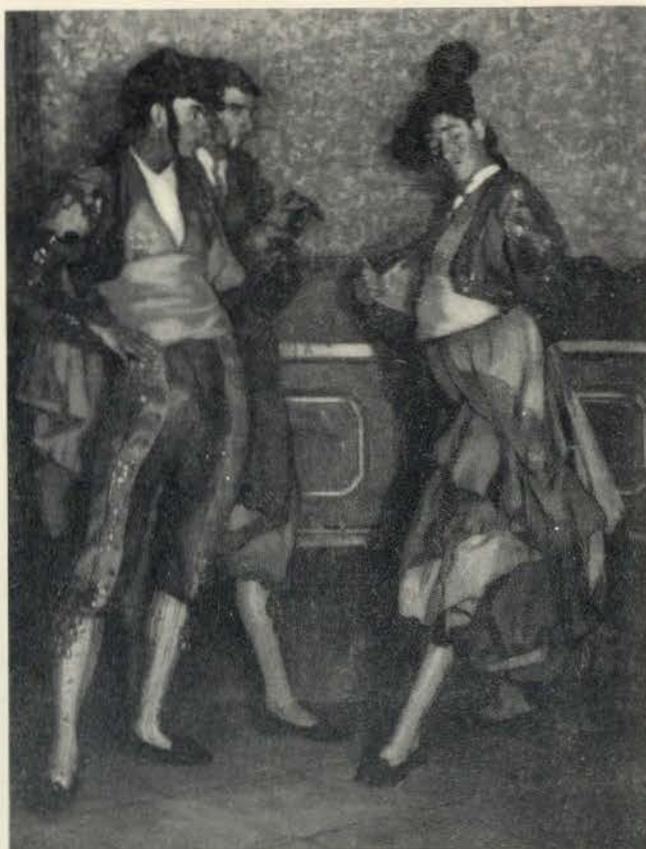
Quís o Govêrno de Espanha — por intermédio dos Ministérios de Assuntos Exteriores e da Educação Nacional — apresentar entre nós algumas das mais notáveis produções plásticas datadas dêste século, contribuindo assim para o necessário estreitamento das relações culturais e o aprofundamento da mútua compreensão das índoles dos dois povos peninsulares.

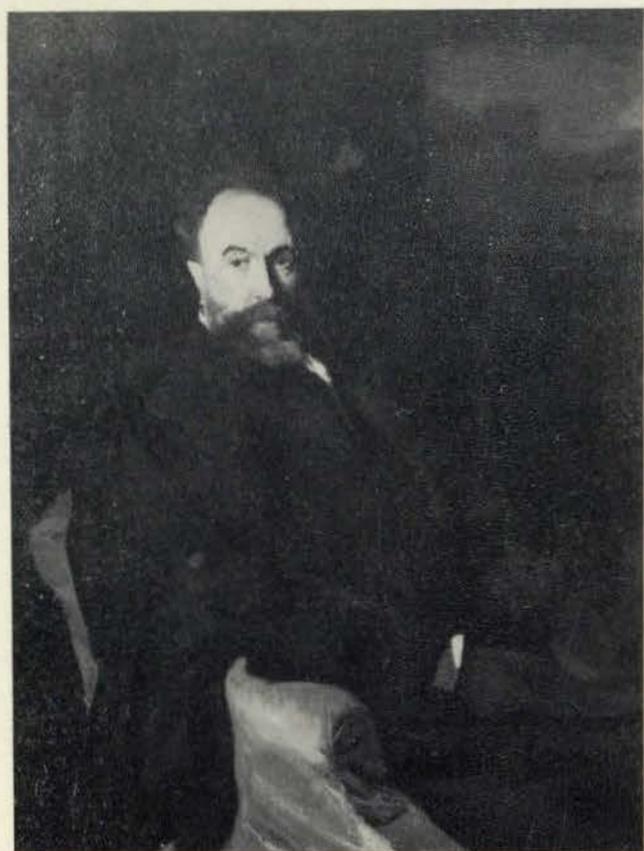
José Gutierrez Solana: «Cabeleireiras»

Vasquez Dias: «Damas del Andévalo»

Essa iniciativa, a que os portugueses ficarão gratíssimos, tanto pelo seu alto significado, como pelo proveito e prazer espiritual que dela colheram muitos milhares de pessoas, consubstanciou-se numa grande Exposição, que teve lugar, no passado mês de Novembro, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e na qual se fizeram representar, com obras magníficas, dezenas de pintores e escultores dos mais variados temperamentos, escolas e técnicas.

FOTOS MARIO NOVAES

José Aguiar: «Rapariga à janela»

Joaquim Sorolla: «Retrato de Beruete»

Ignacio Zuloaga: «Torerillos de Pueblo»

Gregório Toledo: «A Rapariga do colar»

AMARANTE

e os seus novos motivos de atracção

NÃO é preciso ter nascido nesta ridente margem direita do Tâmega, para sentir que se trata de uma das mais surpreendentes, férteis e encantadoras regiões do País. Basta, para tanto, que nos demoremos algumas horas na contemplação da paisagem e a confrontemos com outras que a nossa memória fixou. O conhecimento directo dos restantes valores e prendas da região (os monumentos, os costumes típicos, os incomparáveis vinhos verdes, a saborosa doçaria...) não fará mais do que reforçar êsse sentimento e essa convicção. Aqui temos Amarante, por agora só animada de forasteiros quando a romaria de São Gonçalo os atrai para os festejos, mas que reúne as melhores condições para ser, algum dia, magnífico centro de turismo. E pode bem dizer-se que para isso se trabalha. A boa vontade, o desejo de servir, o bairrismo também aqui acordaram e agem proficuamente. Foi graças a essas varinhas de condão que Amarante obteve êste prémio: ser a sede dos serviços florestais do Marão, já instalada num edifício que se ajusta, pelo seu carácter arquitectónico à «antiga portuguesa», ao jeito da paisagem e ao gôsto do lugar. Mais ainda. Foi por essas virtudes que a povoação foi enriquecida com êstes preciosos atractivos: — Um Parque, verdadeiramente idílico, e viveiros. O parque da Florestal é um motivo de turismo digno de ser visitado; que, bem como o rio, a ponte e o mosteiro vetusto de S. Gonçalo, passou a fazer parte do conjunto das belezas amarantinas. Dizia um velho aforismo que «o Marão não dá palha nem grão», como a

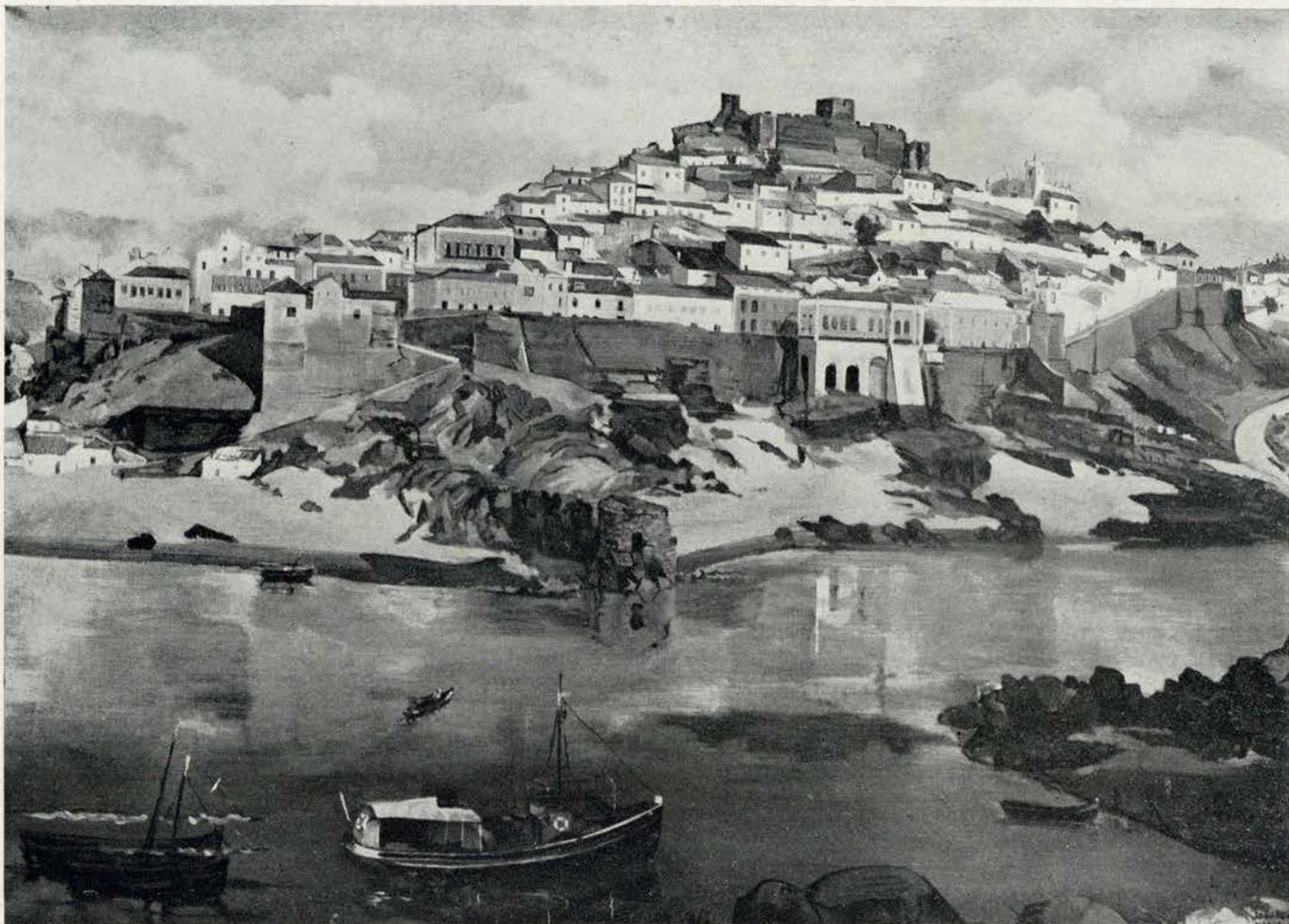
MARGENS DO TÂMEGA EM AMARANTE

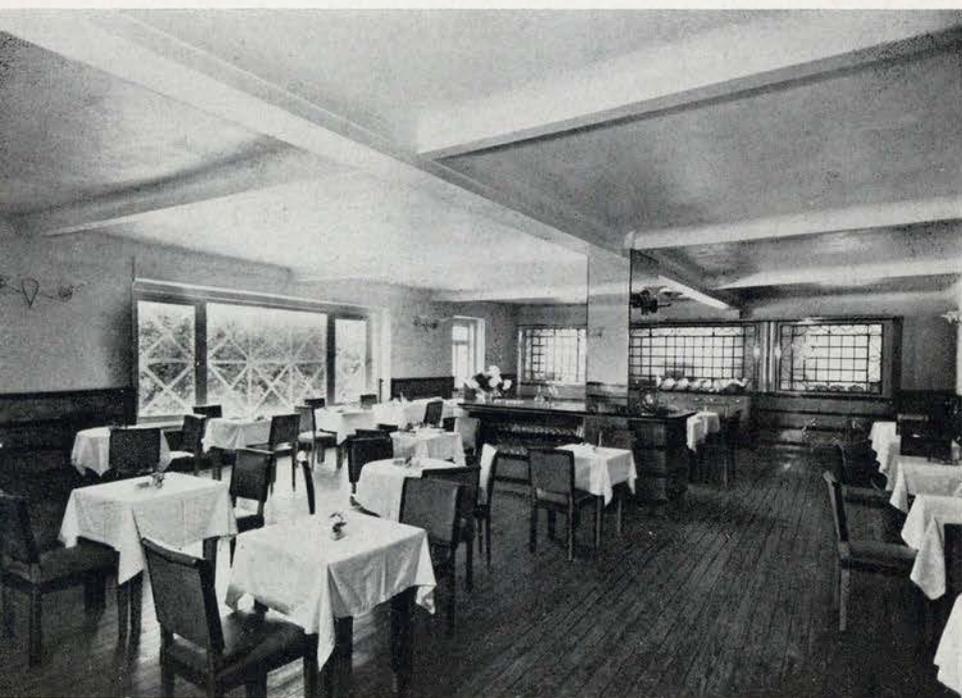
designar a grandeza selvática, o belo horrível dos cerros abruptos e absortos, erguidos na sua mudez esfíngica ao luar desta montanha grandiosa, altar que se touca de neve e se povoa de névoas, como um fumo misterioso de incenso das alturas do espírito. Quem conheceu o Marão nesses tempos de desolação trágica de altíssimo deserto, erguido às estrêlas, e o vê hoje, com as densas filas de pinheirais e de outras árvores de utilidade subindo as encostas em derredor, por certo ficará meditando como a mão do homem é senhora, muitas vezes, de mudar a fisionomia das coisas e o destino das criaturas. ¡Que incalculável serviço não prestaram à economia do País aquêles que se tem devotado com amor ao povoamento das montanhas de Portugal de espécies florestais! Pois bem: nos viveiros que Amarante vai, dentro de pouco, ter completos, nesses minúsculos arbustos que rente à terra parecem crescer a mêdo, é a vida que estua e palpita, com a seiva da terra mãe, que tudo gera e devemos amar, como berço e sepultura. Êles formarão a continuação do manto verde negro dessa rainha de alto diadema nevado — que é a Serra do Marão.

FERNANDO DOS REIS

MOINHOS DO TAMEGA

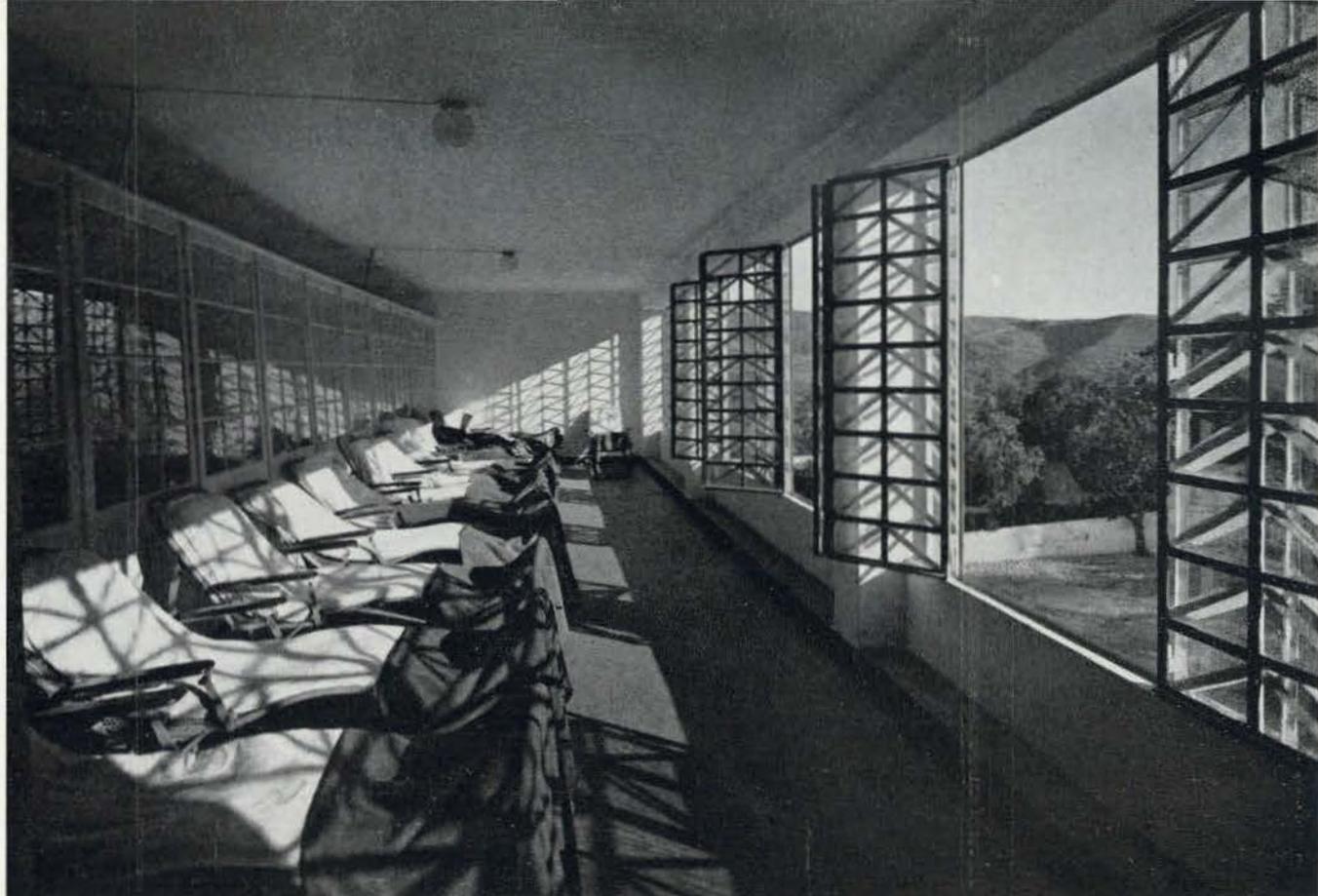
FOTOS ALVAO

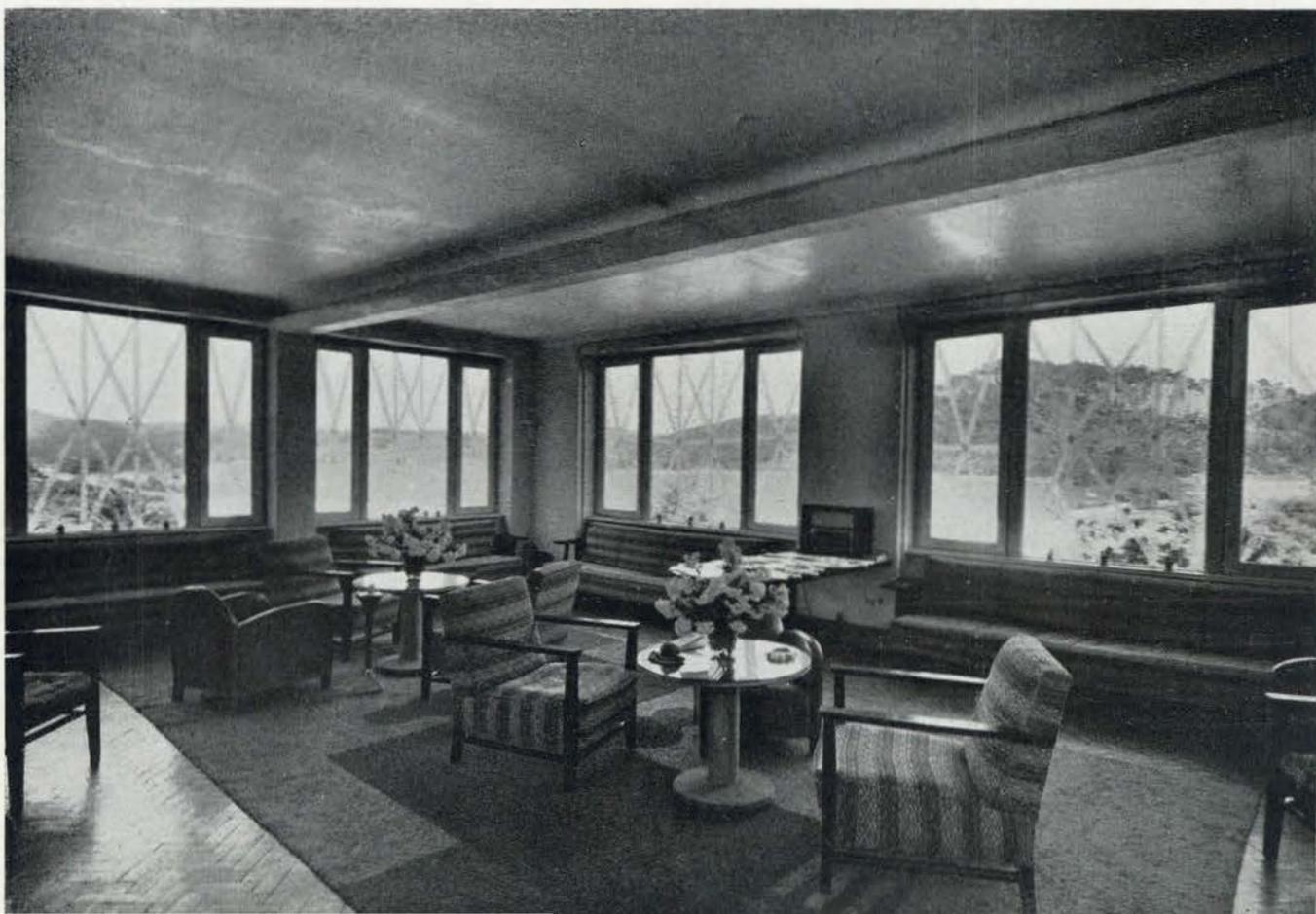
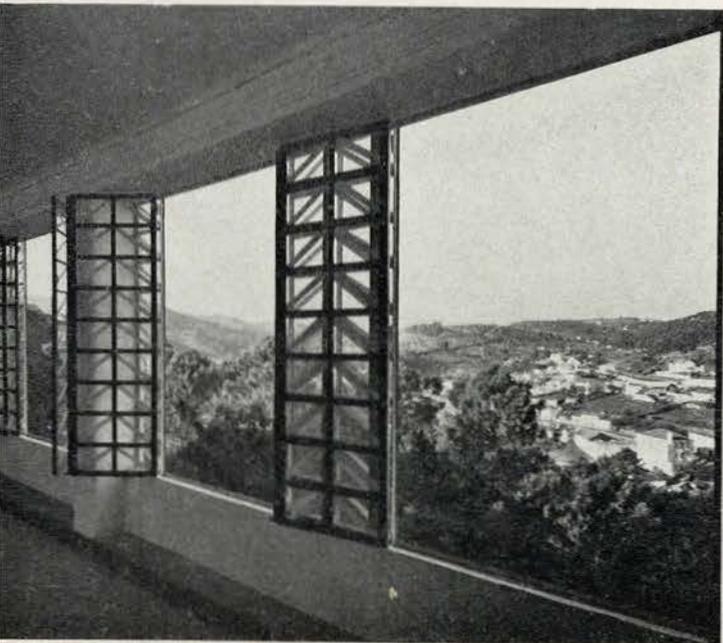
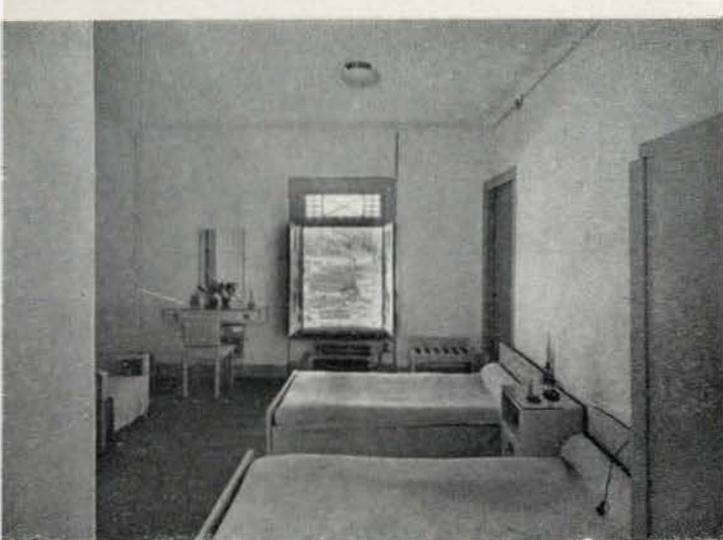
AMARANTE • DESENHO DE PAULO FERREIRA

MÉRTOLA, pequeno e antigo burgo enquadrado, em anfiteatro, numa das mais pinturescas regiões do Baixo Alentejo, na confluência da ribeira de Oeiras com o Guadiana — em cujas águas se reflecte o seu velho casario dominado por um castelo mourisco — tem uma graça plástica e um encanto poético inconfundíveis. Foram êsses atributos que impressionaram a visualidade do pintor João Pedro Veiga, inspirando-lhe o belo quadro a óleo aqui reproduzido. Vem a propósito e é justo salientar a evolução positiva da personalidade dêste artista, cuja pintura se vai libertando, num ritmo saudável de simplificação e anseio de clareza, do realismo escolar e da estéril pragmática do receituário académico.

Trecho da principal Avenida da Casa de Saúde e Repouso de Lousa. — Em baixo: Um aspecto da casa de jantar.

Certas iniciativas são dignas do maior aplauso e estímulo, não só pela incontestável utilidade que delas resulta, mas por servirem de exemplo e de incitamento a outras que venham contribuir para o melhor apetrechamento do país, ainda há poucos anos quási completamente destituído dos valores turísticos que as suas condições e situação impõem e justificam.

Está nestas condições a Casa de Saúde e Repouso de Lousa, recentemente criada, a curta distância de Lisboa, e que é mais um elemento com que podem contar aqueles que na sua vida intensa precisam de ter um lugar de rápido e fácil acesso onde possam retemperar e repousar o corpo e o espírito, numa atmosfera tonificante e salutar.

Quando entre nós se intensificar o gôsto pelos fins-de-semana, de tão grandes benefícios e de tão incontestáveis resultados higiénicos, mais

CASA DE SAÚDE E REPOUSO DE LOUSA

Uma das vastas galerias de repouso. — Confortável sala de estar do edifício principal.

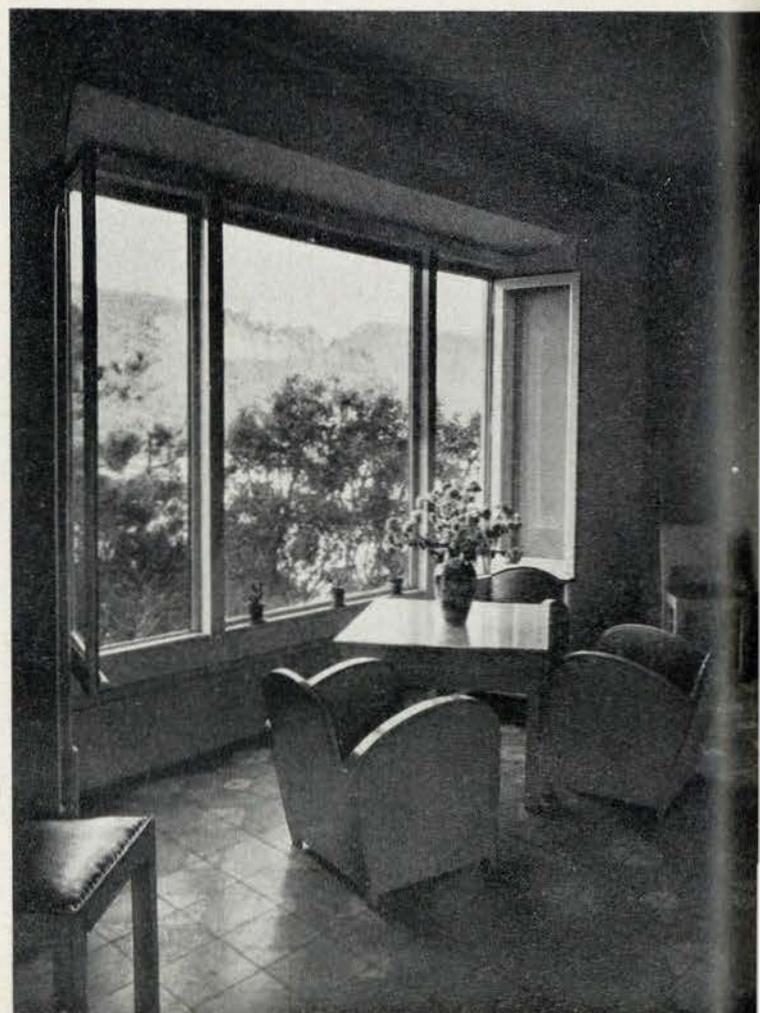
se fará sentir a falta de numerosas instalações dêste género. Os aspectos que reproduzimos podem servir de exemplo do bom gôsto que deve presidir a essas instalações, do confôrto que devem proporcionar, comodidades, situação e demais requisitos a que devem obedecer tôdas as realizações que, como esta, podem

integrar-se no vasto plano de turismo que entre nós, ùltimamente, mercê da iniciativa particular e oficial, se tem executado.

A Casa de Saúde e Repouso de Lousa, além dessas qualidades que a recomendam, possui, pela sua situação e altitude, um ar puríssimo, água com excepcionais qualidades já verificadas, uma boa mesa, serviço esmerado — por pessoal correcto e diligente — e uma organização impecável e cuidadosa que é a melhor garantia dos bons resultados que pode obter quem quiser tornar proveitoso um descanço justamente concedido a exaustivos afazeres.

A grande obra de renovação geral que nos últimos anos se tem levado a cabo, já felizmente vai também arrancando à iniciativa privada alguns empreendimentos cuja falta há muito se fazia sentir.

E, o que é mais consolador, essas realizações surgem por uma forma digna da obra em que se vão integrar e que honra os seus autores.

A. C.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Pormenor de um dos quartos. — Uma sala de estar. — As rasgadas janelas de outra galeria de repouso, dominando um largo horizonte. — Um recanto agradável.

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

UM dos problemas a que o Eng.º Duarte Pacheco dedicou a sua ponderada atenção, foi — e com especial carinho — o da valorização e defesa dos PARQUES e JARDINS. Entre os seus mais competentes e infatigáveis colaboradores contava-se o Eng.º Jorge Gomes de Amorim, a quem a paisagem da Capital já devia, nesse capítulo, valiosos serviços, e que a morte arrebatou, no mesmo golpe inopinado que acaba de enlutar a Nação.

Quís o destino que um dos últimos despachos assinados pelo Ministro das Obras Públicas fôsse, precisamente, o que se destinava a proteger as ÁRVORES e a estabelecer as normas para o seu máximo aproveitamento, como motivos de ornamentação — nos trabalhos urbanísticos a efectuar nas cidades, vilas e aldeias — tendo também em conta «os efeitos benéficos que da sua existência resultam para a saúde pública».

Breve e conciso, êsse diploma é, além de muito oportuno, de enorme importância para a urbanização do País e de inestimável utilidade para o progresso do turismo nacional. Basta ler estes períodos, que se transcrevem do intróito, para se avaliar o alto espírito e os nobres intúitos que ditaram a sua redacção: — «... Desde a escolha das espécies a plantar à adaptação dos terrenos e função a desempenhar, há necessidade de orientar e disciplinar o que tiver de se fazer em matéria de ARBORIZAÇÃO nos centros urbanos, evitando que sejam substituídas muitas espécies nacionais por outras espécies exóticas, quantas vezes de mais fácil aquisição no mercado, mas de um pretenciosismo que não se harmoniza com o carácter das nossas regiões, ou mesmo com a função que se pretende tirar dessas ÁRVORES. (...) Há, além disso, a considerar a construção de JARDINS, PARQUES e ALAMEDAS, cujos projectos devem ser elaborados com são critério, apropriado sabor regional, e em perfeita harmonia com outros melhoramentos urbanos realizados ou a realizar.»

O QUE TEMOS EM BRAGANÇA DE MAIOR INTERÊSSE

IGREJAS, MONUMENTOS, ETC.

«Domus Municipalis» (românico) — ùltimamente reconstituído.
Ruínas do Palácio dos Duques de Bragança (junto ao Castelo).
Tôrre de Menagem (com o escudo de D. João I) — onde está instalado um Museu Militar.
Museu Regional do Abade de Baçal (museu arqueológico).
Ruínas do Convento de Castro de Avelãs.
Igreja de Santo Cristo (na povoação de Outeiro).
Cruzeiro.
Porca da Vila (Pelourinho).

FESTAS TRADICIONAIS E ROMARIAS

Festas da Cidade: na última semana de Agôsto.
Romaria do Divino Senhor da Cabeça Boa, a 3 de Maio, nos subúrbios da cidade.
Romaria ao Santuário de Nossa Senhora da Serra, em 3 de Setembro (no alto da Serra de Nogueira — 1.300 m. de altitude).

CAMIONAGEM

de Vimioso — do Largo da Capela.
de Mogadouro — da Estação do Caminho de Ferro.
de Vinhais (Arrábida).

DIVERSOS

Excursões e Passeios:
à Serra de Nogueira.
à Serra de Montesinho.
ao Santuário de Cabeça Boa.

Indústria regional:
Louça característica.

Termas:
Termas de Alfaião.

Caminhos de Ferro:
Linha do Tua a Bragança, da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro.

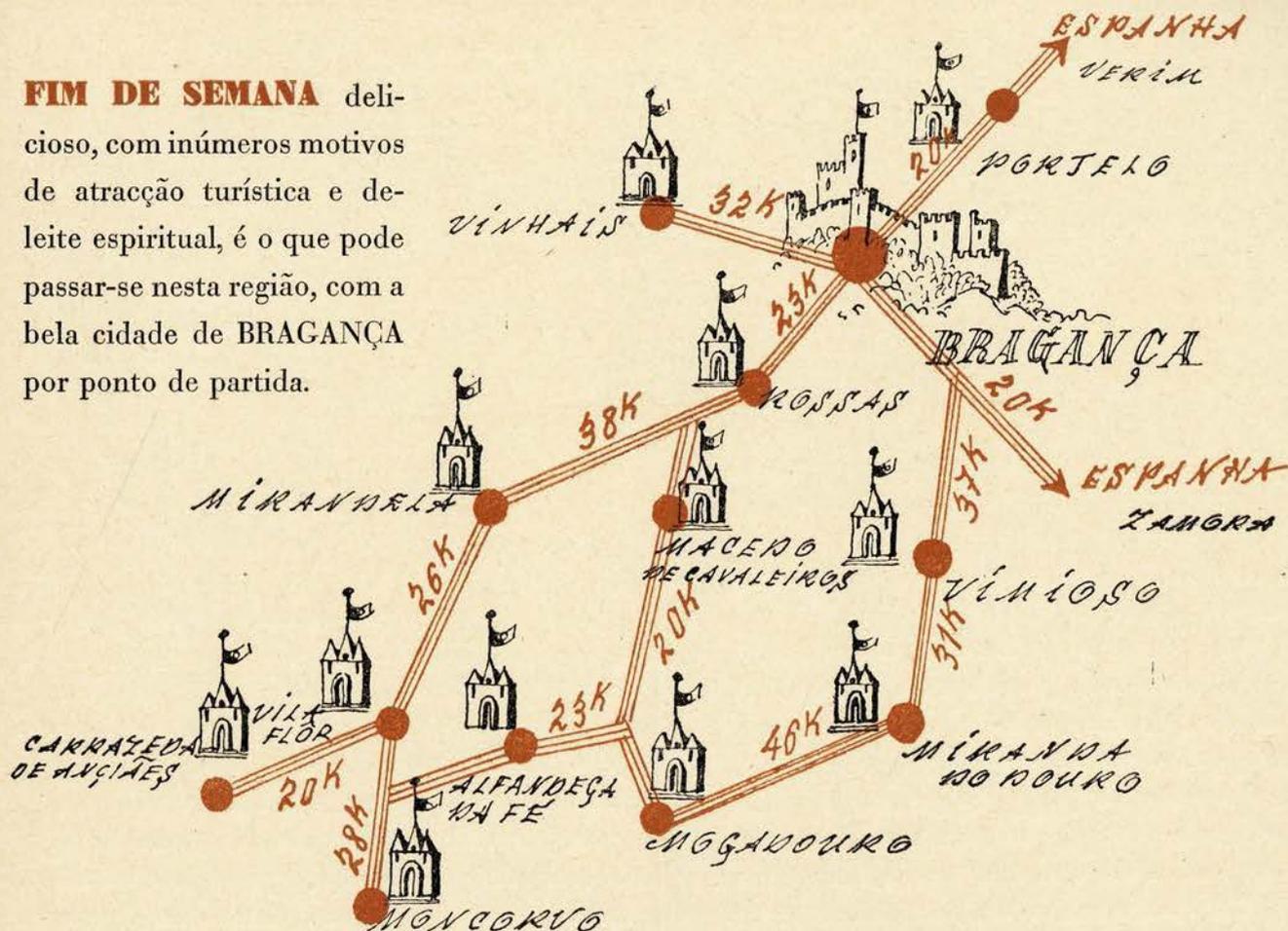
COZINHA E DOÇARIA REGIONAL

COZINHA: Alheiras (na época própria, de Outubro a Fevereiro) — Alheira assada — Almôndegas de lebre — Arroz de lebre e de repôlho — Bifes de presunto com batatas fritas — Bifes de vitela com batatas fritas — Cabrito assado ou guisado com batatas — Caldo verde — Chouriço de pão assado com grêlos cozidos — Cozido transmontano — Empada de sardinhas — Enguias fritas ou assadas — Folar — Frango albardado — Grêlos com bacalhau às tiras e pedaços de ovos cozidos — Grêlos de couve penca guisados com ovos batidos — Leitão assado — Lombo de porco assado — Migas de bacalhau — Pastéis de lebre — Perdiz assada e de cebolada — Rabas guisadas com ovos — Salpicão assado — Trutas fritas, de escabeche e assadas na grelha — Tabafeias, etc. — Melão de Vilariça — Queijo de ovelha. DOÇARIA: Bôlo doce — Súplicas — Cavacos — Amêndoas doces (enconfeitadas com canela) — Doce de melão — Bôlos de chá — Pastéis de ovos — Folares, etc.

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

O QUE TEMOS NO DISTRITO DE BRAGANÇA DE MAIOR INTERÊSSE

CAPELAS, CONVENTOS E IGREJAS	PALACIOS, CASTELOS E MONUMENTOS	FESTAS, FEIRAS, ROMARIAS, ETC.	
ALFANDEGA DA FÉ			
✤	Paços do Concelho. Pelourinho, em Chacim. Ruinas do Castelo.	*Excursões a:* Serra de Bornes, em Sambade. Alto do Castelo.	✤
CARRAZEDA DE ANCIÃES			
Capela de S. Salvador (dentro das muralhas do Castelo). Igreja de S. João (entre-muros do Castelo). Igreja de Selores.	Castelo de Anciães. Pelourinho de Carrazeda. Pelourinho de Anciães. Chafariz de Carrazeda.	*Excursões a:* Alto de S. Pedro, Senhora da Graça, Senhora da Costa, Castelo de Anciães, Quintas do Douro. *Romaria:* de Santa Eufémia, em 15 de Setembro, em Lavandeira.	Castanheiro secular, gigantesco, que no seu tronco pode abrigar uma junta de bois ou dois cavalos com cavaleiro, por mais altos que sejam.
MIRANDA DO DOURO			
Igreja da antiga Sé de Miranda. Antigo Convento dos Frades Trinos.	Ruinas das muralhas do antigo castelo e tôrre de menagem. Castro de S. João das Portas Latinas (romano). Rua da Costanilha (quinhentista).	*Feiras anuais:* Da Senhora da Luz, no último domingo de Abril, junto à raia de Espanha. A 24 de Junho (exposição de gado de pura raça mirandesa).	*Romarias:* No 1.º domingo de Julho, em Vila Chã. De Nossa Senhora do Nazo, a 7 e 8 de Setembro, no lugar do Nazo, em Póvoa.
MIRANDELA			
✤	Palácio dos Távoras em granito, do séc. XVIII. Ponte romana com 17 arcos e 232 m. de extensão.	*Romarias:* De N.ª Senhora do Amparo, no 1.º domingo de Agôsto, em S. Braz, freguesia de Tôrre de D. Chama. Do Mártir S. Sebastião, no 1.º domingo de Setembro, na vila.	✤
MACÊDO DE CAVALEIROS			
✤	✤	Excursão ao cume da Serra de Bornes, podendo-se ir de automóvel até ao Cruzeiro da Burga, a 14 k. da vila.	✤
MOGADOURO			
Igreja românica de Algozinho. Igreja românica de Azinhoso.	Castelos de Mogadouro e de Penas Roias. Pelourinhos de Bemposta, Castro Vicente, Azinhoso e Mogadouro.	*Feiras anuais:* Em 8 de Setembro, em Azinhoso e em 15 de Setembro na vila. — «Dos Gorazes» (a mais importante do distrito) em 15 de Outubro, na vila.	*Romaria:* de Nossa Senhora do Caminho, no último domingo de Agôsto, na vila.
MONCORVO (Tôrre de Moncorvo)			
Igreja Matriz (mon. nac. séc. XVI) com riquíssima obra de talha, destacando-se o retábulo da capela do Santíssimo. Púlpito poligonal em granito esculpido. Capela do Coração de Jesus. Capela de Nossa Senhora dos Prazeres. Capela de Santo António.	*«Castros» em:* Adeganha, Cabeça Boa, Corviçais, Estevais, Felgar, Mós, Urros. *«Dólmens» em:* Açureira, Fornos, Junqueira, Vilarinho. Chafariz de St.º António (séc. XVIII). Chafariz das 4 Bicas (séc. XVI). *Solares:* do Barão de Palerme, dos Pimenteis, dos Tenreiros, dos Vasconcelos, dos Barões do Marmeleiro.	*Festas tradicionais:* Da Semana Santa (principalmente no domingo de Páscoa, na vila). Da Senhora da Teixeira, na segunda-feira de Pascoela, no santuário da Senhora da Teixeira, com Romaria. De Nossa Senhora da Assunção, em 15 de Agôsto, na vila.	*Excursões:* Ao Monte e Mata de Roborêdo (a 878 m. alt.), Alto do Facho, Pocinho, Monte de S. Bento, Monte de S. Lourenço, Senhora da Esperança, Quinta da Água. *Termas:* Caldas de Bensaúde (a poucos quilómetros): águas aconselhadas para doenças do estômago.

FIM DE SEMANA delicioso, com inúmeros motivos de atracção turística e deleite espiritual, é o que pode passar-se nesta região, com a bela cidade de BRAGANÇA por ponto de partida.

VILA FLOR

Igreja Matriz. Capela de Santa Luzia (que foi mesquita árabe). Santuário de Santa Marinha (nos subúrbios, a 1.000 m. alt.). Santuário de N.ª S.ª da Anunciação, em Vilas Boas, a 4 k. da vila.	Antigos Paços do Concelho. Fonte Romana. Porta da antiga entrada da vila, com muralha anexa. Palácio do Visconde de Lemos.	*Termas:* Caldas de Bensaúde, a 4 quilómetros	*Romarias:* Da Ascensão do Senhor, em quinta-feira da Espinga. De Nossa Senhora da Assunção, em 15 de Agôsto. De Santa Eufémia, no 3.º domingo de Setembro.

VIMIOSO

Igreja Matriz. Capelinha tradicional, do alto do Monte das Pereiras, nos subúrbios da vila.	Castelo de Algôso. Pelourinho de Vimioso. Pelourinho de Algôso. Cruzeiro da freguesia de Caçarelhos.	*Excursões:* Às Grutas de Santo Adrião, (a 12 k). A Algôso.	*Romaria:* De S. Bartolomeu, em 24 de Agôsto, na freguesia de Argosêlo.

VINHAIS

Igreja de S. Francisco. » » Facundo. » » Moimenta. » » Tuizelo. » » Vilar de Ossos. » » Quintela.	*Nos subúrbios:* Castros Citânias Circas Castelos Castrilhões	✠	*Romarias:* De Santiago de Ribas, no último domingo de Agôsto e a de St.º António, no 1.º domingo de Setembro. De N.ª S.ª dos Remédios, a 1 de Setembro, em Tuizelo e a de N.ª S.ª da Saúde, no último domingo de Setembro, em Vale de Janeiro.

TURISMO SADIO

... e não se perca o sentido das proporções!

PORTUGAL renova-se em tantos aspectos de vida individual e colectiva que já começamos a considerar natural o que antes constituiria sensacional descoberta — quando as modificações menos rotineiras topadas durante uma visita acidental a um local desde há muito conhecido, nos surpreendiam como louváveis sinais de progresso. Hoje, quem contempla os melhoramentos que acrescentam o que por bom podia ser conservado, nas cidades ou nos mais modestos burgos, ainda que dêstes seja um dos que no enfeixar dos séculos pareciam ter caído por esquecimento e para ali deixados ao abandono, sente, no salutar renascimento, que há uma seiva pujante a rejuvenescer Portugal.

Mas a agradável surprêsa não exclui criterioso julgamento que ajude a classificar ou a condenar o que, por mal feito, mais merecia não o ter sido. O verão, talvez por ser tempo de férias para os magistrados, permite aos profanos ter veleidades de juízes e como a causa é nacional não será a opinião que emitimos, pelo menos a título de depoïmento, considerada como atrevido meter de foice em seara alheia.

A quadra estival faculta ainda, quando permite variadas e largas avançadas desde o mar às serras, uma extensa visão de conjunto e mais demorado exame dos pormenores. E o espírito, desanuviado de preocupações e ajudado pela claridade dos dias soalheiros, interpreta com mais eqüidade o que lhe submetemos à análise.

Consideremos, porém, que o calor — roupa dos pobres, mas também impudico desvendador de misérias físicas — pode ser, por vezes, um mau conselheiro. Daí derivam, possìvelmente, os senões de muitas obras que são geradas no entrechocar de idéias mal elaboradas em alguns breves dias de veraneio, em momentos de palavrosas mas pouco fecundas discussões e executadas com calor mal suportado, como se a perfeição dependesse da corrida.

As conhecidas qualidades dos portugueses, entre as quais será bastante citar, para o fim que me proponho, o entusiasmo com que nos votamos a realizar qualquer idéia surgida em uma hora que se nos afigurou iluminada, antes de prudentemente a amadurecer, deixando decantar as impurezas fantasistas que a sobrecarregavam ao nascer, podem, em determinadas circunstâncias, originar complicações que inferiorizam ou comprometem os resultados. Quiçá não sejam dispiciendas algumas considerações de crítica ao que por bem foi feito mas a pressa enfermou com defeitos que ainda podem ser reparados e sobretudo, noutras, evitados.

Agora que o frio já se faz sentir na aspereza cortante das rajadas do setentrião e o calor da boa lareira portuguesa propicia, na calma penumbra, momentos de construtiva introspecção, poder-se-á corrigir com novas idéias, ainda que estranhamente contrastantes com as originais, as más obras de que os calores estivais são responsáveis. Ou ainda auguremos que a paz do lar faça retomar o fio do bom senso aos que estranhos ambientes deturparam durante o vagamundiar pelas praias, termas e outros locais amenos. O desespêro da canícula, dando dias e facilidades para o excitante bronzeamento dos corpos e dos cérebros, será possìvelmente julgado e condenado por algum sábio vindouro, como o grande mal da época singular que nos tocou viver, mas se nós nos formos adiantando às possibilidades de investigação do futuro com uma sintomática reacção no presente, nada tiraremos ao brilho do que há-de vir e originamos, desde já, um fortalecimento das idéias ou a sua crise que, sem prejudicar os resultados, constituïrão premissas valiosas para a equilibrada solução dos grandes problemas equacionados. Assim, não será extemporâneo abordar «o facto», que se verifica com júbilo em Portugal, da evolução do gôsto dos portugueses pela água e pela vida ao ar livre.

Faixa de terra que as águas mais temperadas e mais azuis do Atlântico banham, proporcionando uma linha de costa onde as praias se alternam com os recortes mais caprichosos das arribas, ora em longos areais que se espreguiçam sob as carícias de um sol doirado, ora em prateadas angras que espreitam o grande mar, reclinadas em umbrosos maciços de vegetação, Portugal oferece, na verdade, tôdas as possibilidades para uma fácil vida de praia. E do rosário de termas já não faz mister falar. Não vai longe o tempo em que, mercê de factores vários, poucos confiavam nas ondas e muitos desconfiavam do sol. Não foi sem fortes razões para a asserção que, numa tese científica, um candidato a doutoramento pôde

escrever, rotundamente: Portugal não se lava! Mas (bom exemplo de volubilidade nacional) pode já hoje afirmar-se que — à bonança seguiu-se a tempestade... Os logradoiros marinhos vêem-se cada vez mais povoados por uma população que na avidez tumultuária dá a impressão de ter estado refreada e procura agora compensar sôfregamente o tempo perdido em qualquer coisa que ofereça uma sugestão talássica.

Há, como em tantas outras coisas, contrastes que denotam falta de naturalidade na fruïção do prazer: gama bizarra de atitudes, conjunto heteróclito de fatos, escolha indescriminada de locais, épocas e horas; mas tudo isso sedimentará, perdendo o «snobismo» para ganhar o comezinho, do que há-de resultar, através de sensata evolução o triunfo do natural.

E, porque nas fazes primeiras é mais fácil atacar os males nascentes, não será despropósito denunciar um sintoma que revela grave facilidade de contágio: «as piscinas». Longe do meu propósito está a condenação «in limine» dessas sumptuosas banheiras colectivas, que já os nossos avós romanos utilizaram com tão soberba volúpia pelos prazeres húmidos; mas parece-me que é êste um dos aspectos de sofreguidão que merece ser cautelosamente limitado. Assim como se estimou, e louvàvelmente, que não se devia evoluir tão rápida e amoralmente como alguns desejaram, do longo fato de xadrez para a sintética «trousse», também não deve ser facultado aos provisórios íncolas das estâncias de veraneio, um mergulho brusco nos azulejados recipientes, onde a água se repreza durante horas seguidas, passivamente submissa às agitadas abluções dos forasteiros.

E a coisa toma mais carrancudo aspecto quando atinge as proporções de anormal divórcio entre o homem que busca a saúde e as ondas que generosamente lha oferecem, para inconsciente ou vesânicamente ir pagar por alto preço as conseqüências dos variados «pathos» colhidos nas monumentais incubadoras.

Não sei até que ponto são escrupulosamente observadas as regras indispensáveis para a cotidiana utilização das nossas piscinas; mas, seja como fôr, esta prevenção não será descabida, desde que seja honestamente interpretada.

As piscinas de construção bem orientada e criteriosamente aproveitadas, podem constituir um interessante adôrno dos locais turísticos, ou novos motivos de atracção para freqüentadores especiais ou especiais circunstâncias; mas não devem ser toleradas desde que não obedeçam ao mínimo de condições estéticas e higiénicas indispensável e, em nenhum caso, deve ser garantida a entrada indiscriminada dos freqüentadores como se as precauções pudessem ser limitadas às sumárias exigências de lavatórios em comum.

Não me arriscaria à impopularidade dos desmancha-prazeres, despertando no ânimo dos interessados uma pontinha de má vontade, se não considerasse esta denúncia como uma daquelas que alguém deve fazer por emulação à verdade, trazendo os conhecimentos obtidos, pelo menos, através da experiência, para os oferecer aos que gostam de ser esclarecidos.

«Amigo das piscinas... higiénicas e traçadas com bom gôsto arquitetónico, mas mais amigo das cariciosas ondas do mar, e de um salutar chuveiro de água doce».

Veranear é, em última análise, ir buscar no repouso a calma para os nervos hiperestesiados pelo trabalho ou, na agitação, o estímulo para os sentidos que a apatia amoleceu no sedentarismo das vidas paradas — finalidades que não se coadunam com temerários ou ignorados riscos a que a juventude desportiva e a meia idade «snob» se vão expondo.

Desde os modelos dos ancestrais banhos romanos às quintas solarengas das gentes de pro, e desde as praias onde já não há lugar para a areia até aos pequenos recantos de costa que se oferecem como logradoiro reservado e requintadamente exclusivo, cabem tôdas as possibilidades para satisfazer com aproveitamento o costumeiro descanço anual, a que já tôdas as classes sociais fazem honra.

Não se sacrifique levianamente à moda, à excessiva ganância dêste ou daquele local que aliciantemente se oferece como o melhor, ou ao hábito rotineiro de seguir os outros, o que por nós próprios podemos escolher para curial benefício, e até, para precioso encorajamento de quem justificadamente o merece.

As piscinas têm o seu lugar nas estâncias de luxo, devendo ser suficientemente cara a sua utilização para que compense o elevado preço de construção, que nunca deve descer do alto nível de ornamento sumptuoso nem dispensar um bom apetrechamento e vigiado serviço de profilaxia e higiene.

Banalizá-las é degradar o valor turístico que se procurou valorizar, nivelando o critério de quem as autorizou, construíu ou explora, à mentalidade de rotineiro abegão que confundisse o lavadouro com a chafurda.

Saibamos ser da nossa época mas sem perder o sentido das proporções. Os calores estivais já passaram, a fase inicial de impulso desordenado num sentido de progresso deu lugar ao estádio de equilibrada fôrça criadora que molda a forma definitiva; e no conjunto social do nosso país, vive-se um estilo de vida que há que respeitar. Respeitemos, pois, o que é comum.

T. A.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

O Album «Portugal» Editado na Alemanha

«Atlantis», importante firma editorial alemã (Berlim - Zurique), dirigida pelo Dr. Hürlimann, publicou recentemente um magnífico album consagrado ao nosso país, com 136 fotografias de trechos paisagísticos, aglomerados urbanos, monumentos, tipos e cenas de costumes populares, reproduzidas a «ofsett».

O volume é de grande formato (22 x 30) encadernado, com o título — «Portugal» — e o escudo nacional gravados na capa, a dourado, sôbre fundo verde. Além de um breve prefácio, em português e alemão, assinado pelo Ministro de Portugal em Berlim, Conde de Tovar, o album contem um mapa do País e uma introdução de Helga Glassner, onde a artista agradece o auxílio prestado pelo S. P. N., que lhe facilitou a recolha fotográfica. No fim do volume encontram-se notas explicativas da Dr.ª G. Richert, com referência às gravuras, e um índice, por ordem alfabética dos locais. As legendas, impressas sob as gravuras, foram escritas em português, francês, alemão e inglês.

A quási totalidade das fotografias é da autoria de Helga Glassner, que percorreu tôdas as províncias do nosso continente, fixando aspectos pitorescos e característicos da paisagem rural e marítima, vida e arte regionais, com escrúpulo de rigorosa documentação, apurado gôsto artístico e técnica de grande fotógrafo — qualidades sobejamente reveladas na escolha dos motivos, no acêrto dos ângulos e enquadramentos, na paciente procura dos melhores contrastes e na precisão da focagem. Como o processo de reprodução não prejudicou a pureza dos *clichés*, resulta que êste valioso e interessante trabalho — incluído na colecção «Orbis Terrarum» — ficará a ser um dos mais completos e admiráveis repositórios gráficos das belezas paisagísticas e monumentais de Portugal.

A obra não desmerece, gràficamente, do alto nível da actividade editorial alemã, tradicionalmente caracterizada por um modelar respeito pelos valores clássicos da Tipografia e da arquitectura do livro: — nitidez, sobriedade de composição, sentido das proporções harmónicas — numa palavra: *dignidade gráfica*.

Instituto Minhoto de Estudos Regionais

Encontra-se legalmente constituída, em Braga, esta útil agremiação de carácter cultural e social, cuja vida efectiva irá concorrer fortemente para a coesão dos melhores elementos do escol minhoto, os quais já se preparam para apresentar comunicações de investigação histórica, e outros trabalhos que devem pôr em foco os variadíssimos valores etnográficos, arqueológicos e folclóricos da província.

O Sr. Ministro da Educação Nacional autorizou a instalação da sede em algumas salas da Biblioteca Pública da cidade, cujas obras de adaptação já foram ultimadas.

O Instituto publicará, trimestralmente, uma revista de cultura, que deverá aparecer no próximo mês de Janeiro.

PANORAMA congratula-se com esta iniciativa, apontando-a, como exemplo de verdadeiro «bairrismo», aos homens de boa vontade das outras províncias do País onde ainda não existam instituïções congéneres.

Um Concurso Fotográfico

A Junta de Província do Douro-Litoral, no intúito de despertar entre os amadores e profissionais de fotografia o interêsse pela paisagem, habitação, costumes e monumentos que caracterizam a província, deliberou promover um concurso fotográfico, segundo as bases elaboradas pela sua Comissão de Etnografia e História, publicadas num impresso que os interessados podem requisitar ao referido organismo — juntamente com um boletim de inscrição.

Ranchos e... Ranchos

Parece não ser em vão que alguns folcloristas e musicólogos portugueses se indignam e protestam contra a existência de maus «ranchos» — dêsses que exercem uma actividade interessada, deturpando, abastardando, *estilizando* os preciosos temas do nosso folclore musical, em coros organizados sem critério e dirigidos sem probidade artística. Há já indícios de que em várias regiões começa a ser encarada a necessidade de formar êsses agrupamentos em moldes mais decentes, embora sem se perder de vista a sua finalidade recreativa.

É — segundo nos informam — o caso do «Rancho de Alcôa», fundado em 1939 por Joaquim de Carvalho, Gilberto Coutinho e Ernesto Joaquim Coelho, os quais, com António Santos, formam a comissão organizadora do grupo. A direcção artística está a cargo de Mercedes Campeão e de Carlos Campeão, orientados por Firmo e Ernesto Ferreira de Almeida. O rancho tem-se exibido, com agrado do público e dos entendidos, em várias cidades e vilas do País, tais como, entre outras: Alcobaça, Tomar, Santarém, Caldas da Rainha e Leiria.

«Panorama» regista

★ A inauguração de uma Agência de Informações Turísticas, no Aeropôrto da Portela de Sacavem.

★ O projecto da construção de um grande jardim público na cidade angolana de Nova Lisboa.

★ A publicação do 1.º volume do *Inquérito à Habitação Rural* (consagrado às províncias do norte do País), promovido pelo Senado Universitário, e dirigido pelos Profs. Lima Basto e Henrique de Barros. Trata-se de um trabalho sério e utilíssimo, sob o ponto de vista económico, etnográfico e, até, artístico.

★ A campanha, lançada pela Imprensa do Alentejo, para a realização de um *Congresso Alentejano*.

★ A recente publicação — pelos Serviços de Turismo do S. P. N. — das normas, superiormente estabelecidas, a que fica sujeita a aprovação dos preços da Indústria Hoteleira e similares.

★ O êxito da magnífica Exposição do escultor Canto da Maya (no Estúdio do S. P. N.), da qual publicaremos, no próximo número, algumas reproduções.

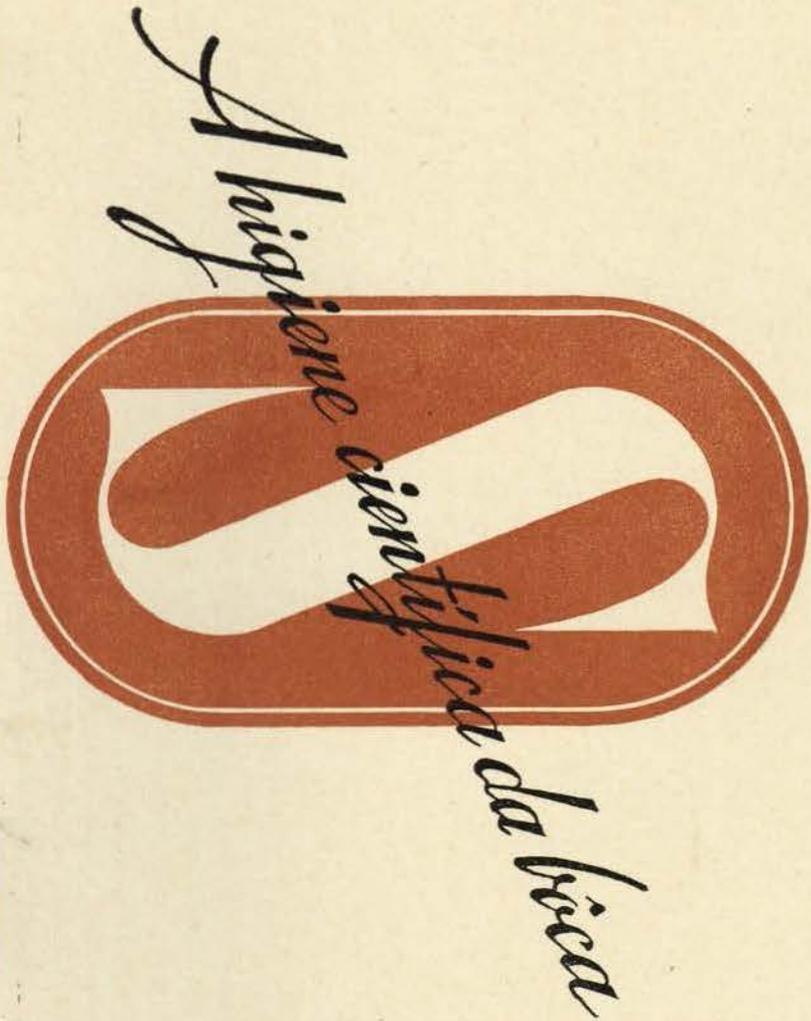
★ A notícia de que vai ser criada em Tondela uma Biblioteca-Museu, que terá o nome do poeta Tomás Ribeiro.

★ O 2.º *Concurso de Pesca Desportiva de Sintra* — no Rio de Colares — organizado pela «União Sintrense», com o patrocínio do «Jornal de Sintra».

O NOVO PREÇO DE «PANORAMA»

O extraordinário aumento do custo de materiais e de mão-de-obra nos últimos meses verificado, forçam a Administração desta revista a fixar em 7$50 o preço avulso de cada exemplar.

É, no entanto, justo reconhecer-se que PANORAMA, mesmo assim, não deixa de ser uma das mais acessíveis publicações congéneres que actualmente se editam, ultrapassando ainda o seu custo o novo preço de venda.

SANOGYL · SANOGYL · SANOGYL · SANOGYL · SANOGYL
A higiene científica da bôca
SANOGIL

OS ARMAZÉNS FRIGORÍFICOS

(Continuação da pág. 7)

O corpo central do Frigorífico é ocupado pela Casa das Máquinas e suas dependências. Os outros dois corpos são constituídos por seis pavimentos, sendo os extremos superior e inferior destinados a armazéns de recepção e expedição, selecção ou embalagem. A parte intermédia é constituída por oito ante-câmaras e cinqüenta câmaras frigoríficas, capazes de armazenar cêrca de 4.800.000 quilos de bacalhau e outros tantos quilos de batata, ou outros produtos hortícolas.

A obtenção do frio é feita à base das mudanças de estado do amoníaco. O ciclo é o seguinte: os vapores de amoníaco, produzidos em evaporadores, são aspirados pelas bombas dos compressores que, no momento da subida, os comprimem de encontro às cabeças dessas máquinas. Graças a esta compressão, obtém-se uma concentração térmica num menor volume de gás amoníaco, e uma expansão que o obriga a deslocar-se até aos condensadores, onde — mercê da passagem de água corrente em volumoso caudal — se obtem a liquefacção do amoníaco. Esta mudança de estado foi obtida pela perda de calor e, conseqüentemente a ela, fica o amoníaco capaz de nova passagem ao estado gasoso, desde que possa recuperar as calorias perdidas. É precisamente o que desejamos e obtemos nos evaporadores, que são constituídos por tubagens mergulhantes em solução de cloreto de cálcio (salmoura).

O amoníaco aquece retirando o calor latente de vaporização à salmoura, que sofre um arrefecimento contínuo, graças à acção de um remexedor.

Os gases produzidos nos evaporadores são reenviados aos compressores, repetindo-se o mesmo ciclo de operações.

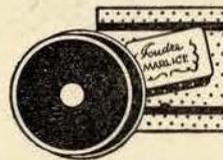
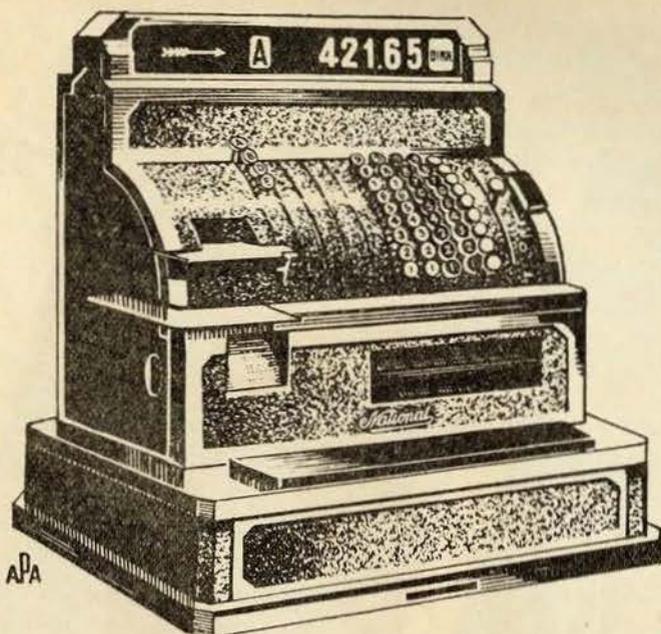
Bombas elevadoras conduzem a salmoura arrefecida até aos arrefecedores, constituídos por um compartimento onde se sereiam caleiras serrilhadas, por onde aquela salmoura cai em chuva finíssima.

Potentes ventiladores aspiram o ar quente das câmaras e fazem-no passar através da salmoura refrigerada, por forma a que o ar esfrie.

Além do arrefecimento do ar obtém-se a sua excicação e asépsia, pois a salmoura é ávida de água e retém grande parte das poeiras e corpos microbianos circulantes.

A extracção e ejecção do ar nas câmaras é feita por canais de madeira, com os quais se estabelecem correntes regulares e contínuas das câmaras aos arrefecedores e vice-versa, por forma a permitir, naquelas, um equilíbrio conveniente de temperatura e umidade, que prèviamente se determinam.

Tôda a aparelhagem é accionada por energia eléctrica, podendo-nos orgulhar de considerá-la como do melhor que existe. Se a parte material é perfeitíssima, perfeito tem sido também o seu funcionamento técnico, como pode comprovar-se através da passagem de milhares de quintais de bacalhau, que têm sido neles conservados, nas melhores condições.

(Continua na pág. IV)

CONFIANÇA NO QUE COMPRA

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY

É a maior e a mais importante fábrica de caixas registadoras do Mundo. As suas instalações em Dayton, Ohio, U. S. A., têm a seguinte grandeza: 25 edifícios modernos. 207.000 metros quadrados de terreno. 100 profissões e ofícios estão representados nos seus técnicos. Mais de 100 quilómetros de transportes circulantes. Cinco quilómetros de via férrea particular. 68 camiões electricos para serviço interior. 10.000 toneladas de aço e 1.200.000 metros cúbicos de madeira consumidos anualmente. Em existência material e produtos fabricados no valor de 5 milhões de dólares. 25.000 peças de fundição feitas diàriamente. Uma central eléctrica suficiente para fornecer luz a uma povoação de 50.000 habitantes. 6.000 toneladas de papel empregadas anualmente. Mais de 4.000.000 de máquinas construídas até hoje. 17.000 empregados no Mundo inteiro, para construir, vender e prestar serviço às máquinas National.

SERVIÇO NATIONAL

Pedimos o favor de uma visita às únicas instalações apropriadas que existem em Portugal para cuidarem sòmente de caixas registadoras. Em «stock» para entrega imediata, modelos novos reconstruídos com a garantia da fábrica, por escrito. Aproximadamente 90 °/o de tôdas as caixas registadoras vendidas em todo o Mundo são National. Dezenas de milhar vendidas em Portugal. Mais de 500 modelos para todos os géneros de comércio. Vendas a pronto e a prestações.

CAIXAS REGISTADORAS NATIONAL
SUCURSAL DA FÁBRICA DA AMÉRICA

LISBOA - RUA AUGUSTA, 146 - TELEFONE 23920 (P A B X)
PÔRTO - RUA DE SANTA CATARINA, 312, 1.º - TELEFONE 1951

(Continuação da página II)

Encorporado no edifício do Frigorífico existe um moderníssimo ginásio, dotado com dois «rinks» de patinagem, grandes balneários e vestiários e um terraço de jogos. Existe ainda um amplo e higiénico refeitório, onde a cozinha é do mais perfeito que existe. Estão ambos a cargo da F. N. A. T., e destinam-se a todos os trabalhadores sindicalizados e seus associados.

TÉCNICA DA CONSERVAÇÃO E ARMAZENAGEM: — O bacalhau, inspeccionado e classificado, é enfardado e introduzido nas câmaras, que prèviamente são desinfectadas e refrigeradas.

Completada a capacidade de armazenagem das câmaras, são estas gradualmente arrefecidas, excicadas e mantidas segundo a mais rigorosa técnica.

Diàriamente, são feitos exames às câmaras e o seu *contrôle* efectua-se através de electro-termo-higrómetros registadores, sendo todo o serviço diário dos Armazéns Frigoríficos regulado tècnicamente.

Quando se pretende a saída do bacalhau das câmaras, são estas gradualmente desfrigorificadas por forma regular e progressiva. Visa-se à aproximação da temperatura e grau higrométrico ambientes, não só para recuperação do pêso inicial, como para evitar dilacerações e roturas tissulares.

Portanto, o bacalhau dos frigoríficos é bem conservado e entregue nas melhores condições de salubridade aos armazenistas. Habituados, porém, a consumir o bacalhau dos melhores mercados abastecedores (Noruega, Islândia, Dinamarca, etc.) estamos hoje sujeitos a um único país exportador, que apenas sofre a concorrência da escassa pesca portuguesa. Acresce ainda que muito dêsse bacalhau, que não consumíamos antes da deflagração da guerra, exalando cheiros que não são os «sui generis» conhecidos do público do Sul, é tido como podre, quando afinal se trata de mera conseqüência de outros processos de preparação.

Por outro lado, dado o rebaixamento actual das qualidades na origem e, ainda, a falta e demora nos transportes desde os entrepostos até aos centros consumidores do interior, fàcilmente se compreenderão as conseqüêntes modificações organolépticas que porventura surjam num produto orgânico naquelas condições.

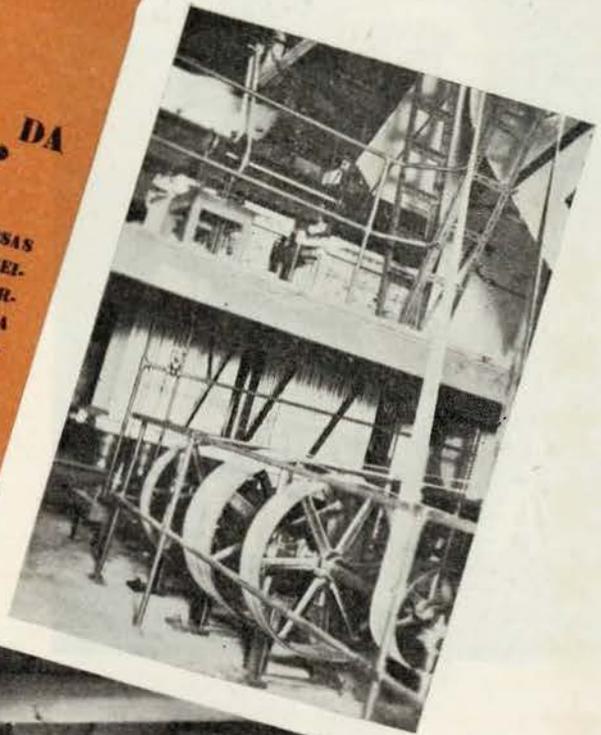
Tida a friabilidade do produto, compreender-se-á que os Frigoríficos foram criados em boa hora e que, sem êles, não seria possível regular a distribuïção com o consumo, mòrmente em época tão conturbada como a presente.

Quanto à parte técnica, podemo-nos pois orgulhar de possuir dois dos melhores Frigoríficos actualmente existentes na Europa (em Lisboa e no Pôrto), dotados da aparelhagem mais moderna, quer no que diz respeito à produção de frio, quer no respeitante ao *contrôle* e regulação da temperatura e umidade.

Aliás, a experiência está feita, através da conservação, nas melhores condições, de centenas de milhar de quintais de bacalhau que — desde 1938 — por êles têm passado.

MONTEIRO & GIRO, L.DA

REPRESENTANTES DE DIVERSAS CASAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS. COMÉRCIO GERAL DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO. FÁBRICA DE DESCAROÇAMENTO E PRENSAGEM DE ALGODÃO EM MOCUBELA

SEDE: QUELIMANE
FILIAIS: PEBANE E MOCUBA
(ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA)
AGENCIA: RUA DO SOL, 224
PORTO — (PORTUGAL)

Alguns aspectos do interior da Fábrica, dotada com os melhores e mais modernos maquinismos do IMPÉRIO

Fábrica de descaroçamento e prensagem de algodão

Vista parcial das casas de habitação do pessoal e Fábrica

MÓVEIS ESTOFOS DECORAÇÕES
COMPANHIA
ALCOBIA
LISBOA RUA IVENS 14 TEL 26441
ESQUINA DA RUA CAPELO

Semiramis

PASTELARIA
Bijou
SALÃO
DE CHÁ
PASTELARIA
LUNCHES
AV. DA LIBERDADE 84-88
Lisboa
TELEFONE 22339

A CASA DE ANTÓNIO FERRO

(Continuação da página 25)

de Álvaro de Brée, uma escultura adorável de Canto da Maia, uma ingénua e festiva imagem religiosa, completam o ambiente que um tríptico maravilhoso de Paulo Ferreira domina pela sua graça, pela sua luminosidade, pela sua frescura de colorido — verdadeira ampliação de uma radiosa iluminura que ilumina tôda a sala com a festa alegre das suas alegres côres.

Na sala de jantar desempenha o mesmo papel um friso de garridas *maquettes* que Kradolfer, Bernardo Marques e Tom pintaram para uma célebre festa de propaganda de coisas portuguesas que se realizou no Teatro dos Campos Elíseos. Em frente, uma *vitrine* cheia da bonecagem de barro de Estremoz, polícroma e ingénua, é uma autêntica apoteose da arte popular que António Ferro tanto tem acarinhado. Alguns bonecos de Tom, estilizações de tipos populares, prolongam o mesmo motivo decorativo noutros recantos da sala de jantar, que foge por completo aos cànones consagrados. Sôbre uma estante de recorte irregular que mobila todo um lado da dependência, na qual alternam os pequenos armários com os nichos de livros, e alegrando as paredes esverdeadas, quadros de António Soares, de Dordio Gomes, de Eduardo Viana, uma escultura de Semke, um desenho de Almada, fotografias de Valle Inclan e de Perez de Ayala, de Rachilde e de Louis Jouvet, de Octave Aubry, de Henri Massis e de André Maurois, de Wanda Landowska, de Douglas Fairbanks e de Mary Pickford — e um óleo discutível de Tarsila, a *enfant-terrible* da pintura brasileira, que levanta infalíveis discussões entre os convidados de António Ferro...

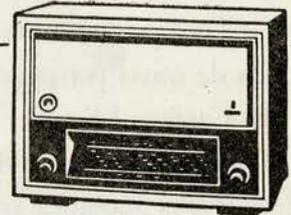
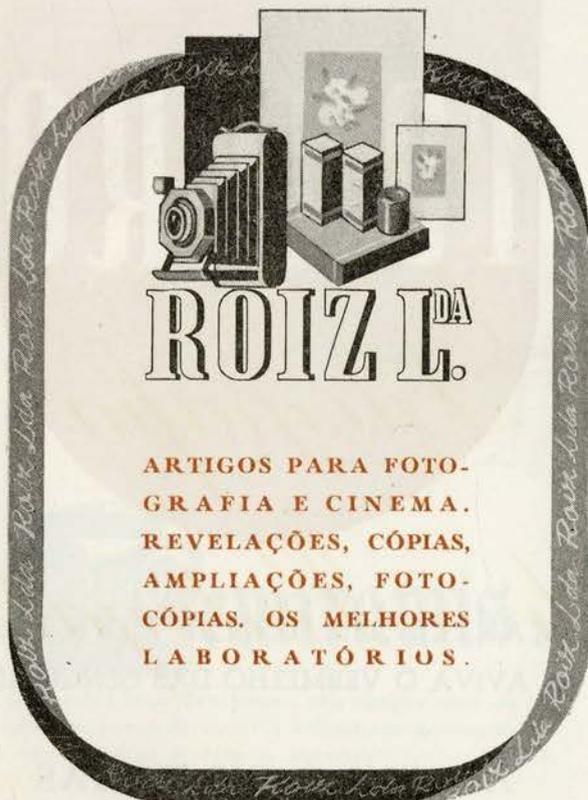
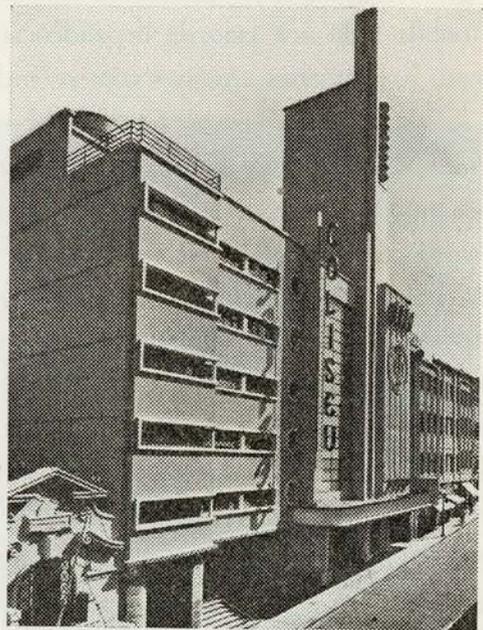
No escritório, a parada de recordações e de obras de arte continua e adensa-se — recordações que são obras de arte e obras de arte que são recordações: retratos de Primo de Rivera e de Maura, de La Serna e de Blasco Ibañez, de Fernand Gregh e de Henry de Régnier, de Duhamel e de Lenormand, de Gonzague de Reynold; um auto-retrato de Jean Cocteau e dois retratos do dono da casa por Paul Colin e Roger

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner — Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.° DE DEZEMBRO 123 / TELEF. 20231

SIEMENS COMPANHIA DE ELECTRICIDADE S. A. R L. / LISBOA-PORTO

RUA NOVA DO ALMADA, 84 - LISBOA - TELEF. 2 4670

Garantia

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1853

O Coliseu do Pôrto, o mais moderno e amplo salão de espectáculos do País, é propriedade desta Companhia, que também o mandou construir

R. Ferreira Borges, 37 — PÔRTO ● **P. D. João da Câmara, 11-1.° — LISBOA**

(Continuação da página VII)

Wild, o ilustrador das «*Une heure avec...*» de Lefèvre; um óleo lindo de Kisling e um lindo barro de Canto da Maia; trabalhos de Vasquez Dias, de António Soares e de Mário Eloi, de Botelho e de Makowska, de Bernardo Marques, de Francisco Smith, de Eduardo Viana.

Em dois armários envidraçados, incrustados nas estantes dos livros, uma colecção internacional de figurinhas populares — réplica da *vitrine* da casa de jantar. Estão ali pequenas e toscas maravilhas de todo o Mundo, de todos os tamanhos e de todos os materiais — desde uma minúscula tourada mexicana, verdadeira escultura-filigrana de barro, até dois bonecos de trapo da China-Town de San Francisco. Uns são de madeira, outros de argila; uns são de Madrid, outros do Canadá. A Argentina, a Suíça, a Hungria, a Holanda, a Rússia estão ali representadas — no congresso mais pitoresco, mais loução e mais airoso que é possível imaginar-se. A Inglaterra delegou àquela fantasmagórica Sociedade das Nações um Henrique VIII com as suas seis mulheres e os seus ministros — de chumbo e de duas polegadas de altura... E o Tirol fêz-se representar por um armário de palmo e meio, encantador como um presépio.

No escritório há, é claro, uma secretária — uma vasta secretária, que é a mesa de trabalho do escritor António Ferro. E livros, os seus livros preferidos, em estantes hàbilmente fundidas no conjunto da decoração.

A casa de António Ferro... ¿Mas para quê escrever mais sôbre a casa de António Ferro? Por muito que prolongasse a descrição, uma coisa não saberia traduzir em palavras: o ambiente de poesia que nela se respira — de poesia da modernidade — a que por certo também não é estranha a personalidade da também dona da casa, a poetisa singular que se chama Fernanda de Castro.

DOMINGOS MASCARENHAS

Agfa
Um sinonimo
para productos fotograficos
de qualidade inexcedivel

TUDO
PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
JCAZ

Aviz Hotel

FÁBRICA DE PORCELANA

VISTA ALEGRE, L.DA

ÍLHAVO

Os melhores brindes e presentes
são as porcelanas da Vista Alegre
A' venda em todos os estabelecimentos

SEDE: LARGO DA BIBLIOTECA, 17 - LISBOA — DEPÓSITOS: RUA GARRETT, 145 — LISBOA — RUA CÂNDIDO REIS — PÔRTO